





O papel utilizado neste livro é biodegradável e renovável. Provém de florestas plantadas que dão emprego a milhares de brasileiros e combatem o efeito estufa, pois absorvem gás carbônico durante o seu crescimento! A tinta utilizada na impressão das páginas é à base de soja, cujo componente é renovável e atóxico que não degrada o meio ambiente.

Um olhar na Eternidade

*Testemunho de Milagres,
Cura e Visão com Jesus*



1ª Edição
Campo Grande/MS
2019



Rosileni S. W. Mansano

Copyright © by **Rosileni S. W. Mansano**

Direitos Autorais reservados de acordo com a Lei 9.610/98

Coordenação

Valter Jeronymo

Assistente de Coordenação

Raquel de Souza

Projeto Gráfico

Diagramação e Capa

Life Editora

Revisão

Rosileni S. W. Mansano

Impressão e Acabamento

Life Digital



Life Editora

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antonio

CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS

Fones: (67) 3362-5545 - Cel.: (67) 99297-4890

contato@lifeeditora.com.br • www.lifeeditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Mansano, Rosileni S. W.

Um Olhar na Eternidade, Rosileni S. W. Mansano - Campo Grande, MS,
Life Editora, 2019.

176p.

ISBN 978-85-8150-631-9

1. Autobiografia 2. Testemunho 3. Literatura Cristã I. Título

CDD - 230

Proibida a reprodução total ou parcial, sejam quais forem
os meios ou sistemas, sem prévia autorização da autora.

Dedicatória

Dedico este livro à minha mãe,
Estela Lucia Preischardt Weisheit (*in memoriam*)

Ela foi com certeza a primeira pessoa a confiar neste dom que Deus me deu. Dom de expressar através da escrita, algo de bom e positivo à vida de outras pessoas.

“Eu Lembro Mãe”

Eu lembro mãe, quando escrevia as peças de teatro para a escola, e precisava de figurinos para as mesmas... Você costurava entusiasmada cada peça. Seu sorriso lindo iluminava seu rosto!

Eu lembro mãe, quando me isolava no quarto para escrever, e você vinha silenciosamente, perguntava como eu estava indo, ouvia, ria, se divertia com os meus escritos. Não raro, dava as suas sugestões também. Era bom te ver sorrir...

Eu lembro mãe, do dia em que você me incentivou a levar as peças de teatro que escrevi para a secretária de cultura do nosso município... Entrei naquele ônibus toda arrumada, do alto dos meus 13 anos de idade, com um caderno repleto de textos cômicos e dramáticos, esperançosa de que talvez alguém prestasse atenção nos meus escritos e pudesse se interessar em publicá-los.

Eu lembro mãe, da sua esperança de que meus textos chamassem a atenção daquela mulher que tinha nas mãos o poder de publicá-los. Lembro também do brilho nos seus olhos, o sorriso no seu rosto e a alegre entonação da sua voz... Você acreditava verdadeiramente, que eu poderia ser escritora. Que eu poderia escrever livros, peças e textos e que de alguma maneira, conseguiria falar ao coração das pessoas...

Eu lembro mãe, do seu sorriso, do seu olhar e das suas ações que me impulsionavam para frente! Você se sacrificava, se esforçava, cria, orava e conversava com Deus sobre mim...

Para você mãe. Para você, minha melhor amiga por tantos anos, minha confidente, meu amor para toda vida. Para você mãe, este livro. Dedicado a você que me deu a vida, o sonho e a esperança de realiza-lo. Eu te amo para sempre mãe.

Sumário

Eu e os Livros.....	09
Uma Mulher de Valor.....	12
Um Homem de Valor	15
Uma História de Avó.....	18
Domingo, O dia do Senhor.....	21
Uma História de Avô.....	23
Preservando as Raízes.....	27
Compreendendo o Tesouro.....	32
Pé na Estrada.....	37
Passando na Casa de Vovó.....	40
Super-Homem e Mulher Maravilha.....	44
A Irmandade.....	47
Irmãos são Tesouros.....	51
Filhos, Herança do Senhor.....	55
A Mesa na Casa dos meus Pais.....	59
A Mesa na minha Casa.....	62
Tempo com Deus.....	65
Um Médico, um Erro e uma Perda Irreparável.....	68
Uma Visão do Céu.....	71
Um Ano Depois.....	74
Nem Tudo eram Flores.....	77
Minha Cura e Visão com Jesus.....	80
A Serpente do Éden, A Jumenta do Profeta e as Galinhas do meu Quintal...88	
Uma Perda Repentina.....	93
E a Vida Continua.....	99
Sonhos Adolescentes.....	102
Ainda Sonhando.....	105
Mais Perdas Repentinas.....	109
O Difícil Caminho do Recomeço.....	113
Uma Fase Ruim.....	116
Um Amigo pra Vida Toda.....	119
Uma História da Infância.....	121
Continuando.....	124

E a História Continua.....	129
Uma Caixa Dourada, uma Brincadeira Inocente e a Morte.....	136
Meu Príncipe Encantado.....	140
Uma Prova de Fogo.....	143
Minha Fé foi Provada.....	147
Lidando com a Dor.....	151
Deus não Esquece Orações.....	154
Uma Tarde Divertida.....	158
Lembro como se Fosse Hoje.....	161
Peço a Deus.....	165
Como quero ser lembrada.....	167
Vale a Pena Refletir.....	169
Minha Oração.....	172

Eu & os Livros...

Quando vieres, traga a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos. (2 Timóteo 4:13)

Este é o terceiro livro que escrevo. Os outros dois talvez um dia os tire da gaveta... Por hora, permanecerão por lá. Acredito que tudo tenha seu tempo. E agora, é o tempo deste livro.

Amo escrever e sempre amei os livros. Devorava toda obra que me vinha às mãos. Desde pequena, essa paixão pela leitura já se apropriava de mim. Eu não viajo sem livros na bolsa, não vou ao shopping sem comprar livros, não durmo sem ler, e cada canto aqui em casa é repleto deles, os livros. São meus amigos fiéis, meus terapeutas, meus conselheiros e heróis.

Lendo, curei muitas das minhas feridas, lendo, aprendi muito do que hoje eu sei, lendo me diverti, entristeci, alegrei, ri e chorei. Lendo aprendi. Lendo refleti. Lendo amadureci. Lendo compreendi. Lendo vivi.

Acredito que os livros são um investimento. Existem livros que são importantes para ampliar conhecimentos técnicos, são necessários na formação acadêmica, vão desde assuntos inerentes a bebês, berços e afins, passam pela garagem, o jardim, vão até o fogão e a cozinha... Enfim, existem livros para as mais diversas áreas e questões. Mas existem também, aqueles livros que mudam uma vida. Livros que enriquecem a sua existência. Aqueles livros que falam com a sua alma... Ah, esses livros, são tesouros do céu! Esses livros eu os tenho guardados a sete chaves. Não empresto, não doo... Podem me chamar de egoísta, não ligo. Tenho os meus livros do coração. Aqueles queridinhos que são relíquias. Sempre que os leio, enriquecem a minha vida. Vão viver comigo, vão cumprir comigo, a jornada da minha vida! Tenho várias prateleiras só deles!

Sim, sou ciumenta dos meus livros. Talvez um pouco pos-

sessiva até... Ou talvez muito. Fato é que não me vejo sem meus livros. É para mim um tesouro incalculável. Há pessoas que valorizam terras, dinheiro, imóveis, joias, ouro... Eu valorizo livros! Quando se trata de bens materiais, os livros são para mim, o maior tesouro.

Observe por exemplo a Bíblia. Livros são importantes para Deus! Deus deixou seus feitos registrados para seu povo, porque sem livros, como saberíamos hoje dos acontecimentos do passado? Percebe como é importante que sejam escritos? Que alguém se disponha a escrevê-los e o quanto é precioso nós termos acesso a eles, para lê-los?! Paulo era alguém que levava seus livros com ele e mesmo na prisão... Lia! Sim, ele também amava livros. Então, com tão grande companhia, como a de Paulo, sinto-me inteiramente absolvida. Posso apreciar meus livros, sem medo de ser feliz!

Uma Mulher de Valor...

Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e deixe o seu próprio trabalho louvá-la nas portas. (Provérbios 31:30,31)



Ela era única! Sim, minha mãe certamente foi a pessoa que mais me influenciou nesta vida. Hoje quando me lembro dela, converso sobre ela com meu irmão, chego à conclusão de que ela não era deste mundo. Sim, acho que não era daqui. Já era lá do céu... Deus emprestou um pouquinho pra gente e tomou para si novamente.

Minha mãe estava sempre feliz. Era raro vê-la descontente com alguma coisa. Sempre cantarolando alguma música... Não havia clima de frio ou de calor que a desencorajasse! Trabalhava sempre com a mesma alegria estampada no rosto! Era divertida. Sábia. Muito sábia. Também era sofrida. Muito sofrida. Era a caçula de quatro filhos, um menino e três meninas. Já estavam casados quando perdeu a mãe dela, minha avó Elly, aos nove anos de idade. Precisou amadurecer muito cedo. Criança ainda, já desempenhava o trabalho de uma mulher adulta! Cuidando da casa, do pai viúvo, das roupas, da comida... Tudo sozinha. Uma pequena menina de nove anos, que havia perdido a mãe de uma forma tão repentina (Infarto aos quarenta e cinco anos), agora foi violentamente lançada no mundo das responsabilidades de gente grande!

A infância dela... Que infância? Minha mãe não teve infância. Também não teve adolescência. A vida no interior era dura. Muito dura. Não havia os confortos e os luxos que conhecemos hoje. Não havia energia elétrica, a água tinha de ser tirada do poço. Havia animais para tratar e vacas para ordenhar o leite. Lenha para rachar e fogo no fogão a lenha para manter aceso e cozinhar as refeições dela e do meu avô Guilherme.

Uma pequena menina, que tinha sonhos de brincar de bonecas e com as amiguinhas, uma menina que necessitava do

carinho e do afeto da mãe... Essa pequena menina chorava escondido. A noite na sua cama, lembrava-se da mãe e sua alma se enchia de saudades... Sentia-se abandonada, cansada e terrivelmente só. Muito cedo na vida precisou aprender a lidar com a dor.

Sim, foi doloroso. Seus primeiros anos de vida, não foram nada bons... Aos dezessete anos, conheceu seu príncipe encantado. Imediatamente soube que ele seria o amor da sua vida. Um jovem pastor. Ele tinha acabado de sair do Seminário. Cheio de vida, de planos, projetos e sonhos! Um dia, num domingo à noite, esse belo rapaz pregando a Palavra de Deus, viu entre os bancos na igreja, uma linda jovem de vestido vermelho... Alguém os apresentou após o culto. Sorrisos e olhares logo se tornaram um pedido de namoro. Em três meses, sim, três meses! Eles estavam subindo ao altar. Tinham certeza de que o amor que sentiam um pelo outro era verdadeiro.

Armindo Weisheit e Estela Lucia Preischardt Casaram no dia 20 de março de 1976. No dia 24 de janeiro de 1977 nascia à primogênita do casal. Sim, com poucas semanas de casados, mãe engravidou. Comemoraram um ano de casados com um bebê recém-nascido nos braços. Eu vim ao mundo assim, meio no susto, sem planejamento... Mas, envolta em amor.

Um Homem de Valor...

Estejam vigilantes, mantenham-se firmes na fé, sejam homens de coragem, sejam fortes. Façam tudo com amor. (1 Coríntios 16:13,14)



Na família de meu pai, também eram quatro filhos. Três meninos e uma menina, meu pai era o terceiro. Também teve uma infância difícil. Sua mãe, minha avó Adine, conviveu com graves crises de asma por toda a sua vida. Meu avô Carlos, pai dele, tinha problemas com álcool... Uma pessoa boníssima, dizem todos. Um coração generoso. Ser humano bom e trabalhador. Mas havia o álcool... E foi esse alcoolismo que ceifou a sua vida aos 54 anos de idade. Um mês antes de eu nascer. Gostaria de tê-lo conhecido. História De vida triste e dolorosa. Pouco sei a respeito dele, a não ser as histórias que ouço meu pai contar. Era um homem bom. Está com Deus agora.

A vida de meu pai foi árdua. O alcoolismo do meu avô trouxe dor e mágoa à família. Nunca é fácil para a esposa e filhos pequenos lidar com isso. Quando meu avô estava sóbrio era o mais doce e gentil dos seres humanos, mas quando estava alcoolizado, não sabia o que fazia... Sinto muito pelo meu avô e sinto muito também pela minha avó, pai, tios e tias. Foi uma história dolorosa para todos eles. Graças a Deus que o Senhor no decorrer dos anos, trouxe restauração para toda a família de meu pai. Hoje estão todos bem. Louvo a Deus por isso! Deus realmente é capaz de transformar tristeza em alegria e restaurar vidas e famílias!

Meu pai, desde muito cedo em sua vida, sentiu o chamado de Deus para ser Pregador do Evangelho. Saiu de casa, no rio Grande do Sul, aos dezessete anos de idade, para ir para o seminário. Era longe de casa. Em outro Estado. Só retornaria depois de um ano, para passar as férias com a família. Não era uma decisão fácil a ser tomada, mas o chamado ardia em seu coração.

O Seminário no Paraná foi uma experiência única em sua

vida. Fez amizades, aprendeu inglês, francês, grego e hebraico. Estudava e pregava em alemão. Era compositor, cantava e tocava louvores. Era um jovem dinâmico, alegre e cheio de vida.

Meu pai é uma pessoa que admiro profundamente. Extremamente batalhador. Seus pensamentos estão sempre voltados para frente e para o futuro. Alcançar almas, pregar o Evangelho! Ganhar pessoas para Cristo! Durante toda a minha infância vi meu pai pregar em vários lugares, igrejas e congregações. As pessoas se aglomeravam para ouvi-lo. Ele pregava entusiasmado e com vigor! Seu coração sempre esteve comprometido com o avanço do reino de Deus!

No decorrer da vida, meu pai trabalhou e exerceu muitas funções. Foi professor, empresário, agricultor... Sempre se esforçou para proporcionar o sustento à família e dar aos filhos oportunidades que ele e minha mãe não tiveram.

A Igreja Batista Semeando Amor de Deus é fruto dos esforços, dedicação e constante apoio de meu pai. Não Existiria o projeto “*Semeando amor de Deus, Resgatando e Restaurando Vidas Para Glória de Deus*”, no Brasil e no mundo, através da programação na rádio, do site www.semeandoamordedeus.com.br e outros meios de comunicação, se ele, meu amado pai, não tivesse apoiando o projeto desde o início. Deixo aqui registrada minha eterna gratidão a meu pai. Que Deus o abençoe ricamente!

Uma História de Avó...

Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei. (Gálatas 5:22,23)



Quando eu era criança, passava as férias na casa dos meus avós maternos (Meu avô Guilherme casou outra vez, logo depois do casamento de meus pais). Eu tinha meu caderno de escrever histórias, claro. Histórias que eu lia para minha avó (a madraستا de minha mãe, Leonora) que, aliás, as achava engraçadíssimas. Eu, sinceramente, desconfio que não fossem tão engraçadas assim. Quanto de drama ou comédia uma criança de sete anos é capaz de registrar em seus escritos? Não muito, suponho.

Mas, como toda avó apaixonada por sua neta, qualquer coisa que eu inventava, era motivo de aplausos... Aquele ditado que diz que os avós estragam os netos, deve ter um fundinho de verdade... Estragam com seus mimos, seus aplausos e seu apoio incondicional. Mesmo quando a ideia não era tão brilhante assim, ela fazia com que eu me sentisse uma gênica. E sim, eu me sentia tão importante quanto uma criança de sete anos pode se sentir!

Quando não estava escrevendo, porque vida de escritor é cansativa, não sei se você sabe... Eu estava mexendo nas coisas da minha avó. Amava a prateleira de perfumes dela. Era uma prateleira alta, dentro do seu armário de roupas. A qual eu não tinha permissão de mexer. Mas mexia. Aquele frasco rosa, com cheiro de flores, me entorpecia...

Eu amava aquele cheiro. Às escondidas, eu passava o perfume em minhas mãos e acreditava secretamente que os textos que eu escreveria então, seriam ainda mais envolventes. De alguma maneira, ela descobria que havia mexido em seu perfume, que, não sei se já mencionei anteriormente, era perfume para os cultos aos domingos. Ela só usava para ir a Igreja! Ou seja, era

quase um sacrilégio mexer naquele frasco!

- “Rosileni...” - Ela chamava num tom sério - “Você mexeu no meu perfume?”

- “Claro que não vó! Imaginaaaa”!

E lá ia eu, atravessando a cozinha, exalando o cheiro das flores do campo daquele frasco rosa... Ela sabia que eu havia mexido e eu sabia que não dava para enganá-la. Mas por algum motivo que só o amor explica, ela não me fazia sentir culpa nem eu me sentia culpada.

No domingo, íamos ambas à igreja vestidas com roupas bem floridas, exalando o pouco perfume que havia sobrado no frasco...

Minha avó era uma pessoa muito especial. Já faleceu há alguns anos, mas ela foi alguém que exerceu sobre mim, grande influência. Minha mãe amava a madrastra dela, ambas riam e desfrutavam a companhia uma da outra. Embora vovô só tenha casado novamente depois que todos os filhos já haviam casado e tomado o rumo das suas vidas, quando ela entrou para a família, foi bem recebida por todos.

Uma pessoa generosa, bondosa e que cozinhava maravilhosamente bem! É assim que me lembro dela. Leonora Bayer... Uma mulher amável, doce, meiga e gentil. Nunca teve filhos. Minha mãe, tio e tias foram os filhos que ela nunca teve. Eu e meus primos e primas fomos os netos que Deus lhe deu. E para todos nós, ela foi alguém que fez a diferença. Sou grata a Deus pelos anos que a tivemos entre nós.

Domingo, O Dia do Senhor!

Alegrei-me quando me disseram: “Vamos à casa do Senhor! (Salmos 122:1)”



Desde cedo aprendi, que o domingo era de Deus. Aos domingos colocávamos uma roupa bonita, mesmo que fosse uma roupa costurada por minha mãe, tia ou avó, Um pouquinho de perfume e íamos todos lindos, avós, pais, filhos e netos, à Igreja. Aos domingos não se trabalhava na roça, não se usava o carro de boi, domingo era o dia do Senhor e devia ser honrado e respeitado por todos!

Como as coisas podem ter mudado tanto? Não vejo mais esse respeito, essa reverência, nas pessoas hoje em dia. O domingo se tornou um dia qualquer... Dia do Senhor? Um dia específico para levar a família à Igreja, louvar a Deus por todo o bem que Ele tem nos dado, Agradecer e também pedir. Interceder por nossa família e por aqueles que necessitam do amor, da graça e da misericórdia do Senhor? Esse dia em especial? Não existe mais.

Quando eu era criança, o temor do Senhor era assunto levado a sério. Hoje em dia? Pergunte a uma criança o que é temor do Senhor. Pergunte a ela qual é o dia do Senhor. O que ela lhe responderá? Certamente nem faz ideia de que se deveria ter um dia da semana para adorar a Deus. E sabe por que isso tem se perdido? Porque não temos tido o compromisso de levar adiante o legado que recebemos dos nossos antepassados.

Temos falhado como pais e mães que deveriam encaminhar os seus filhos ao Senhor. E temos falhado porque nós mesmos não temos mais uma vida com Deus. Temos falhado porque temos trocado o nosso tempo e os dias da nossa semana por distrações. Pergunto-me como pretendemos plantar no coração dos nossos filhos que o domingo é o dia do Senhor, se nós mesmos não honramos isso. Hipocrisia não é? Ansiamos tanto por filhos no altar do Senhor, ansiamos tanto por uma família aos pés de Jesus... Mas fazemos tão pouco, tão pouco mesmo, para que isso se torne real...

Uma História de Avô...

Como é grande a tua bondade, que reservaste para aqueles que te temem, e que, à vista dos homens, concedes àqueles que se refugiam em ti! (Salmo 31. 19)



Meu avô materno era um homem bonito, alto, de olhar profundo... Aparentemente severo. Mas, se enganava quem o julgava pela aparência. Era bondoso, sábio e apaixonado pelos netos. Dizia à minha mãe que eu era inteligentíssima. Ah! Eu tinha apenas um ano de idade quando ele chegou a essa conclusão! Isso prova o quanto ele era observador. Ok, eu sei, todo avô acha seus netos maravilhosos, inteligentes e bonitos... Mas naquela época eu não sabia disso. Então, ele conseguia fazer com que eu me sentisse uma heroína, uma princesa! Uma gênia de fato!

Hoje, analisando essa questão com mais atenção, acho que meus avós tinham um complô contra mim! Era coisa combinada! Sim! Claro! Como nunca percebi isso?! Eles me faziam acreditar que eu poderia ganhar o mundo! Que o céu era o limite! Que eu poderia alcançar as estrelas! Passear nas nuvens, escorregar no arco-íris! Segundo eles, eu poderia ser o que eu quisesse e quem eu quisesse! O mundo estava disponível para descobertas, expedições e explorações. Sim! Tudo estava a um passo! Ao alcance das minhas mãos!

Pergunto-me, quando foi que eu perdi essa ilusão? Quando foi que passei a achar que a vida não é tão fácil assim e que realizar sonhos era mais difícil do que meus avós me faziam acreditar? Em algum lugar, durante esta jornada na vida, me desprendi dessa crença... Certa vez ouvi de uma amiga que na vida é preciso ter ilusões para ser feliz. Mesmo que seja inalcançável, mesmo que seja um sonho impossível, -“É preciso viver algumas ilusões para ser feliz” - dizia ela com convicção. Verdade ou não, é a percepção da minha amiga e eu não estou aqui para julgá-la. O que eu sei? Que farei exatamente a mesma coisa com

os meus netos um dia... Direi a eles que o céu é o limite, que o mundo pode ser conquistado, que as estrelas cabem nas mãos e o arco-íris foi feito para se escurregar nele!

Eu amava passar as minhas férias na casa dos meus avós. Era imensamente divertido. Eu e meus primos Alceu, Eliane e Hilário acompanhávamos o meu avô em um carro de bois quando ele ia para a roça. Lá, voltávamos com pasto para as vacas, mandioca (Aipim) para o almoço do dia seguinte, melancia para a sobremesa, milho verde para um refogado no jantar e uma porção de histórias divertidas para contar! As férias passavam voando!

Meu avô ajudava a minha avó nos afazeres domésticos e na lida diária com os animais, o leite e todos os afazeres que uma vida no sítio tem. Ambos eram muito parceiros, meu avô e minha avó. Eles levantavam cedo, ele acendia o fogo no fogão à lenha e ela fazia o chimarrão. Depois, ele buscava mais lenha para manter o fogo aceso pelo resto do dia, enquanto ela fazia o café da manhã. O aroma de cebolas fritas, ovos mexidos, leite quente e café passado impregnavam aquela cozinha de felicidade. Quantas memórias gostosas eu tenho daquela época!

Meu avô também gostava de escrever. Tinha um diário. Então à noite, sob a luz de um lampião, Meu avô fazia suas anotações em seu diário e lia a sua Bíblia. Sim, ele sempre tinha um tempo com Deus. Todas as noites eu via meu avô com sua Bíblia aberta sobre a mesa, lendo, conversando com o Senhor e fazendo apontamentos. Meu avô era um homem de fé. Mas nem sempre foi assim... Houve uma época onde ele não acreditava em Deus. Era rebelde e murmurador. Blasfemava. E minha avó Elly, a primeira esposa do meu avô, mãe da minha mãe, era uma mulher de grande fé. Ela ficava imensamente triste com as blasfêmias do meu avô. Ela orava e pedia a Deus para quebrantar o coração do marido. Ela era uma mulher fervorosa e conhe-

cedora da palavra de Deus. Lia a Bíblia e orava todos os dias. Foi um exemplo a ser seguido. Seu relacionamento com Jesus era profundo e verdadeiro.

Meu avô contou certa vez, que após a morte da minha avó, ele estava na roça, reclamando como sempre, e resmungando contra Deus e contra a vida. De repente, num piscar de olhos, o céu se fechou, e bem a sua frente, abriu-se um imenso abismo. Do céu ele ouviu uma voz lhe dizendo:

- “Guilherme, seus pecados estão diante de mim e eles são imensos e tão profundos quanto este abismo”.

Sim, Deus falou com meu avô. Era a voz do Senhor. Meu avô disse que naquela hora veio sobre ele uma tão grande convicção de pecado, uma tão grande certeza de que ele estava perdido que o inferno lhe aguardava se não fizesse as pazes com Deus, que ali mesmo, no chão daquela terra árida, ele se arrependeu, pediu perdão e entregou sua vida ao Senhor.

Quando eu nasci, meu avô já era um novo homem. Eu não conheci a versão antiga. Mas a minha mãe contava que por muitos anos vovó, mãe dela, orou e pediu a Deus por aquele milagre. A conversão do meu avô. O que sei, é que durante toda a minha infância, vi meu avô estudando a Palavra de Deus, lendo a sua Bíblia, fazendo as suas anotações, as suas orações e testemunhando para mim e para todos que o encontravam, a Palavra de Deus. Tornou-se um homem temente a Deus e uma referência muito forte para mim. Como meus pais moravam próximos à casa dos meus avós maternos, e trabalhavam muito, sempre que eu podia, eu ia para a casa do vovô e da vovó. E lá, eu me sentia nas nuvens...

Preservando as Raízes...

Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele; e achareis descanso para as vossas almas; (Jeremias 6.16^a)



Sou muito feliz por todas as memórias boas que carrego comigo... Lembro com carinho do feijão que a minha avó Leonora fazia, nunca mais comi igual! A comidinha feita no fogão à lenha, só quem já experimentou, sabe do que estou falando. Tem outro sabor! A cultura germânica tem uma culinária bastante rica e eu tive o privilégio de nascer e crescer em uma família que fez questão de preservar as raízes.

Meus bisavôs e minhas bisavós vieram todos da Europa. Paternos e maternos. Meus avós nasceram no Brasil, mas os pais deles nasceram na Alemanha. Quando eu nasci, por algum tempo convivi com dois dos meus bisavôs maternos. O pai do meu avô Guilherme, bisavô Wilhelm Preischartt. E o pai da minha avó Elly, bisavô Alberto Schach.

O Pai do meu avô materno era um homem rabugento. Não me lembro de receber carinho dele não. Ele tinha o hábito terrível de beliscar os bisnetos... Era de uma agilidade absurda para um homem com mais de noventa anos. Para mim e meu primo Hilário, encontrar com nosso bisavô, era hematoma na certa!

Certa manhã ele foi visitar meus pais. Eu estava com dois anos na época, mas lembro-me perfeitamente desse dia. Ele sentou, colocou a mão no bolso e de lá retirou a mão cheia de balas. Eu sabia que era uma isca! Estávamos eu e o meu primo, próximos a ele. Ele estendeu a mão para nos atrair... As balas cintilavam... Olhávamos para aquelas balas com os olhos fixos, brilhando...

Queríamos aquelas balas mais do que qualquer outra coisa em nossas vidas! Na sua face velha e cheia de rugas, um sorriso maroto. Ele sabia que nós nos aproximaríamos dele para pegar

uma bala e nessa hora ele “rapidíssimo” nos aplicaria um beliscão do qual nos lembraríamos pelo resto da semana! Eu não estava a fim de correr tal risco...

Então, tive a mais genial ideia que uma criança poderia ter! Sim! Eu tinha um plano! Chamei meu primo de lado e cochichei algo em seu ouvido. Ele se posicionou próximo o suficiente para pegar as balas, mas longe o suficiente do “beliscão da morte”. Sorri para meu bisavô, ele estendeu a mão com as balas, sorrindo também, velho rabugento, e eu, num único golpe com a mão, bati por baixo da mão dele, num golpe ágil e certeiro! As balas voaram pelo ar! Caíram por todos os lados! Uma chuva de balas! Meu primo rápido como um ninja, saiu a catar balas pelo chão! Eu também consegui pegar várias daquelas balas que haviam caído por perto. Meu bisavô podia ser ágil para aplicar o seu beliscão, mas para levantar da cadeira e perseguir duas crianças que corriam em direções opostas, certamente ele não era!

Aquele dia foi memorável para nós. Foi o dia da trégua. Fizemos um tratado de paz. Ele nunca mais se aproximou para oferecer balas como iscas para beliscar seus bisnetos. Foi selado um acordo mudo. Às vezes ele me olhava sério, como quem diz: - “Você é espertinha hein...” – E eu olhava para ele, igualmente séria, como quem diz: - “Não vem com palhaçada pra cima de mim!”- E assim, ambos com “sangue nos olhos”, ele com seus noventa anos e eu com meus dois anos de idade, selamos aquele acordo sem trocar uma única palavra. Pode me julgar quem quiser, mas quando uma criança não gosta de alguém, melhor levar a sério.

Talvez ele nem fosse má pessoa... Dizem que era severo. Um pai daqueles bem rígidos. Á moda antiga... Meu avô contava que ele obrigava todos os filhos a comer tudo o que tinha no prato, e a experimentar tudo o que estava sobre a mesa. E se al-

gum dos meninos gostava de algo ou queria mais, ele não dava. Era rigoroso. Controlava a quantidade e a gula de todos à mesa. Acho que para dar conta de criar meia dúzia de meninos muito espertos, era preciso reger com pulso de ferro! Fato é, que nós dois, eu e ele, estabelecemos uma relação de respeito. E foi assim, até o fim.

Meu bisavô materno, Alberto Schach, avô da minha mãe. Era boa gente. Noventa e quatro anos. Gostava de fumar seu palheiro e tomar um golinho de cachaça. Coisa pouca. Só para manter-se saudável, dizia ele. Certo dia, ele estava acamado, na casa da minha tia Isolde. Doente por algum motivo que não me lembro qual. Minha tia me chamou de lado e cochichou: - “Seu bisavô está bastante doente, se ele lhe pedir para trazer um cigarro não traga! O médico proibiu!”.

Eu tinha apenas seis anos de idade e gostava dele de verdade. Fui até o quarto para vê-lo. Ele olhou para os lados, para ver se minha tia não estava por perto e me pediu, bem baixinho, que eu lhe trouxesse um cigarro. Saí de lá correndo! Quem em sã consciência iria contrariar as ordens do médico? Se o médico disse que não era para fumar! Então, para o bem da sua saúde, era melhor que não fumasse, não é mesmo?!

Mas, como eu ia dizendo, eu gostava dele de verdade. E me pesou na consciência o pedido que eu neguei ao meu bisavô. Sorrateiramente, esgueirei-me pela cozinha, e lá estavam os cigarros de alguém. Possivelmente do meu tio Ivo... Peguei alguns, corri o mais rápido que eu pude para o quarto do meu bisavô e lhe entreguei os cigarros em mãos! Missão cumprida! Fiz a boa ação do dia! Mas, ele tinha mais um pedido! - “Fósforos” – ele cochichou...

Outra corrida... Desta vez a minha tia já estava com as orelhas em pé... Mas, rápido como uma ninja (Acho que isso é dom das crianças pequenas...), consegui entregar aqueles fós-

foros para meu bisavô. Saí de lá o mais rápido que pude e fui brincar no quintal. Pouco depois, a fumaça e o cheiro do cigarro se espalharam pela casa. Ouvi tudo. Minha tia estava brava com meu bisavô. Tomou o cigarro dele. Mas já era tarde, só sobrou o toco. Da janela espiei para ver a cara dele. Ele deu uma leve piscada com o olho, como quem diz: - “Valeu”! – Também pisquei. Mal sabia a minha tia, que ele ainda tinha vários cigarros escondidos em algum lugar... Mas aquele era um segredo só nosso. Ao menos era... Até hoje.

Ele era um ótimo bisavô. Morreu aos 94 anos, poucos meses depois daquele episódio dos cigarros. Lembro-me de no cemitério olhar para cima, para o céu e tentar ver a alma dele subindo. Talvez, se tivesse sorte, poderia vê-lo sorrindo para mim... Por algum motivo eu tinha a impressão de que conseguiria ver o exato momento em que a alma dele subiria ao céu.

O cemitério era ao lado da igreja que por sua vez, era ao lado de casa, então, passei grande parte da minha infância por entre aqueles túmulos, identificando familiares e amigos que haviam falecido. Quase todos os parentes maternos estavam enterrados lá. Talvez não todos, mas uma grande parte deles... Por algum tempo, meu pai foi pastor daquela igreja. Fazer enterros faz parte dos ofícios de um pastor. Os mortos para mim, não representavam perigo nem ameaças. Muitas pessoas queridas estavam lá. Algumas eu tinha conhecido pessoalmente, outras só ouvira falar... Mas eu ainda viria a perder muitos daqueles que amava, e aquele cemitério hoje, reúne algumas das pessoas que mais amei na vida... Aquela não foi a última vez que eu chorei a morte de alguém que amava. Quando meu bisavô morreu, as perdas estavam só começando...

Compreendendo o Tesouro...

Mas a vocês prometi que herdarão a terra deles; eu a darei a vocês como herança, terra onde há leite e mel com fartura. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês, que os separou dentre os povos. (Levítico 20:24)



Outro dia, estava ao telefone com meu irmão, e em meio a mais uma das longas conversas que costumo ter com ele, me deparei com a percepção da imensa bagagem de vida e ampla influência, nos mais diferentes aspectos que permeiam a vida humana e que herdei de meus pais!

Sim! Meus pais me entregaram um tesouro tão imenso, que levei décadas para compreendê-lo.

Quando nasci, meu pai já era pastor de uma igreja evangélica e ambos, ele e minha mãe, trabalhavam no ministério. Ambos também eram professores numa escola do município, alfabetizavam e lecionavam para crianças nos anos iniciais. Portanto, meu mundo girava em torno de livros! Minha paixão pela literatura é perfeitamente compreensível! Vi meus pais debruçados sobre livros, grande parte da minha infância. Havia livros pela casa toda e desde sempre, havia biblioteca em casa... Logo, meu caso de amor com os livros, é justificado!

Meus pais tocavam acordeão e violão. Música era algo comum em nossa casa. Os ensaios para a igreja aconteciam lá. Se hoje tenho o mínimo de conhecimento na área musical, certamente devo isso a eles. Meu pai é um excelente compositor. Sempre compôs. Então, compor músicas está no sangue. Não é de se admirar quando vejo hoje, os meus filhos compondo e tocando... Tesouros que recebi no passado, mas só agora, há pouco tempo, passei a reconhecê-los.

Mas não fui apresentada apenas à literatura e a música na minha infância. Também fui apresentada à arte! Meus avós nasceram no Brasil, mas os pais deles vieram da Alemanha e de lá trouxeram uma cultura rica de detalhes! Muitos sabores, cores, bordados, crochês, tapetes, quadros, pinturas, vasos, flores...

Muita cor, muito aconchego, muito calor. Muito amor.

Minha mãe costurava, bordava, fazia crochê e tricô. Aprendeu com a mãe dela que bordava versículos Bíblicos em tecidos bonitos e os colocava na parede como quadros. Eu usei toucas de lã feitas pela minha mãe à infância inteira! Vestidos bonitos bordados com flores e lantejoulas... Os panos de prato tinham acabamento em crochê. Todos os móveis tinham guardanapos de crochê! Tive vestidos de tricô feitos por ela! Ou seja, a arte estava por todo lugar!

Os dias de chuva eram os dias em que eu via minha mãe sentada à máquina de costura. Consertava as roupas da família, costurava algo para um de nós ou então, uma das minhas bonecas recebia um vestido novo. Naquela máquina ela costurou almofadas, tapetes, cortinas, toalhas e tudo o que lhe vinha ao coração fazer para deixar a nossa casa o mais aconchegante possível. Minha mãe realmente dominava a arte de transformar uma casa num lar. Herdei da minha mãe, um legado rico de aconchego e amor. As mulheres da minha família souberam preservar e repassar toda essa história umas para as outras, através de gerações!

Foi delas, que herdei também o gosto pela cozinha. Em minha família, cozinhar sempre foi um ato de amor. O cheirinho gostoso de pães e bolos saindo do forno impregnava a nossa casa nas tardes de sábado. Sim, era no sábado que minha mãe, avó e tias se dedicavam ao resgate das receitas de suas antepassadas! E nós crianças não fazíamos ideia de quanto amor e honra às suas mães e avós essas mulheres demonstravam quando ofereciam para suas famílias refeições que atravessaram os séculos e continuavam chegando as nossas mesas através das suas habilidosas mãos.

Mulheres comprometidas com a família. Mulheres comprometidas em passar adiante um legado que lhes foi entregue

por quem as antecedeu. Mulheres que compreendiam que amar, significa colocar em prática as boas intenções e o amor que aquece o coração.

Com essas maravilhosas mulheres da minha família, eu aprendi o valor que tem a comida feita por minhas próprias mãos. O valor que tem servir algo para minha família, que eu mesma planejei e fiz. Quando eu cuido da minha família e a amo com refeições que aprendi a fazer com minha mãe, ou os amo com alguma receita que atravessou os séculos e o oceano para chegar até mim, estou fazendo mais do que alimentando os meus filhos. Estou perpetuando o legado.

Falei no início deste capítulo que até recentemente ainda não havia compreendido o tesouro que recebi. Sim, eu achava que minha infância era pobre, sem grandes oportunidades e que na verdade, a vida havia me privado de uma série de experiências que eu gostaria de ter tido...

Só há algum tempo, depois de me tornar mãe, e colocar em prática com os meus filhos o legado que herdei, é que me dei conta da riqueza do mesmo! Meus filhos gostam de ler, gostam de compor, gostam de música e amam louvar... Sim, eles também amam ajudar na cozinha e apreciam as receitas da mamãe. Gostam da alegria e do aconchego do nosso lar. Observam tudo o que faço na casa, e toda mudança seja de um vaso, uma cadeira ou um quadro, não lhes passa despercebida!

Eles apreciam leitura, música, arte, culinária e decoração... Ainda não sabem que estou passando a eles o legado que herdei da minha mãe, e ela por sua vez, da mãe dela... Um dia, em determinada circunstância, com tempo e maturidade, vão parar para pensar... E se darão conta, assim como eu, que o tesouro mais precioso de suas vidas lhes foi entregue enquanto cresciam e achavam que tudo que os cercava, era normal e sem grande valor...

Vejo que apesar da pouca idade que meus filhos têm, o tesouro que estão recebendo será igualmente grande como foi o meu. Tenho me esforçado para permanecer fiel ao que aprendi. Tenho tentado passar para eles o legado que recebi.

Vejo cada vez mais que os pais deveriam se preocupar com isso. Tudo o que fazemos se transforma em legado para nossos filhos. Tudo eles levarão consigo para o resto de suas vidas. É preciso ter sabedoria para passar adiante algo que realmente faça a diferença na vida deles. Infelizmente muitos pais têm deixado legados terríveis para seus filhos. Legados de abuso físico e psicológico, legados de rejeição e baixa autoestima, legados de dor, de tristeza e de abandono...

Há também o legado espiritual que vejo que muitos pais não se preocupam. Não se interessam em passar para os filhos amor a Deus e tempo com o Senhor. Não se preocupam em levar as crianças até Jesus. Não se preocupam em ensinar os filhos a orar, a ler a Bíblia, a ir à igreja. Pais desleixados, indiferentes e irresponsáveis. Pais que não tem noção da grande responsabilidade que repousa sobre seus ombros.

Muitas vezes me vêm à memória o sacerdote Eli e seus filhos. Eli era responsável pelo templo. Sacerdote de Deus. Ocupava um cargo de grande responsabilidade. Sua função era preservar o sagrado, se comunicar com Deus, passar para o povo a vontade de Deus para o mesmo... Mas seus filhos profanaram o sagrado.

Os filhos do sacerdote não respeitavam a Deus nem a casa do Senhor. Os filhos do sacerdote não tinham temor do Senhor. Onde Eli errou? No legado. Ele não conseguiu passar para os filhos o mais importante...

Pé na Estrada...

*Ele o guardará quando você for e quando voltar,
agora e sempre. (Salmo 121.8)*



Alguns amam viajar... Outros odeiam. Meus pais pertenciam ao primeiro grupo. Não que tivessem posses para isso. Lembro que passei parte da minha infância num fusca bege, ano 1980, rodando pelo País e fora dele... Sim, tínhamos poucos recursos, mas meus pais acreditavam que era importante passear em família, viajar e cultivar boas memórias com os filhos. Então, numa época onde o combustível era mais barato e dormir num hotel em beira de estrada ainda era seguro... Nós rodávamos estrada a fora! Meu pai, sempre munido da máquina fotográfica, registrava todos aqueles momentos! Naquela época, foto precisava ser revelada. Ele fazia slides para passar num retroprojetor de imagens que só quem tem mais de 40 anos vai saber do que estou falando! E assim, a fotografia, a natureza, as viagens, fizeram parte da minha infância de forma a marcar profundamente a minha vida. Mas claro que não me dei conta disso nem da dificuldade que meus pais devem ter tido para proporcionar essas experiências aos filhos, até o momento em que me vejo planejando como vou incluir essa lição na vida dos meus!

Numa época onde o trânsito está caótico, o combustível mais caro que o leite e um fusca bege não é opção, pergunto-me como vou proporcionar aos meus filhos as memórias que eu tenho. Memórias de passeios em tantos lugares diferentes...

Tenho fotos de quando tinha apenas 5 anos de idade, viajando pelo Paraguai e na Argentina, encharcada pelas águas das Cataratas do Iguazu no Paraná e alegre em cima de um jipe aberto, passeando em aldeias indígenas no interior do Mato Grosso do Sul! Aldeias onde meu pai havia estagiado e trabalhado quando saiu do seminário. Sim, aos cinco anos eu já tinha memórias de outros países, outras culturas, outros costumes...

Tive uma infância maravilhosa. Graças a essas viagens e a coragem de meus pais de explorar as possibilidades mesmo que não se tivesse luxo para tal, eu fui impactada de forma positiva e o novo ou desconhecido, nunca foi para mim, um monstro de sete cabeças. Nunca fui paralisada pelo medo de ir ao encontro de algo que não conhecia. Nunca fui paralisada pelo medo de me arriscar, de tentar algo diferente ou de recomeçar. Achava que era mérito meu. Mas não é. É herança.

Meus pais souberam plantar em mim sementes de respeito pelo próximo, sua crença, cultura e costumes. Aprendi a respeitar e honrar o outro. Aprendi a amar o meu País e a ter coragem de desbravar novos horizontes. Aprendi a não me deixar intimidar pelas circunstâncias mesmo que sejam desfavoráveis.

Pensando bem... Acho que vou comprar um fusca bege 1980...

Passeando na Casa de Vovó...

Filhos, obedecam a seus pais no Senhor, pois isso é justo. “Honra teu pai e tua mãe” - este é o primeiro mandamento com promessa - “para que tudo te corra bem e tenhas longa vida sobre a terra”. (Efésios 6:1-3)



Passear na casa da minha avó paterna, certamente foi uma das coisas mais divertidas da minha infância. Naquela casa morava meu tio Osvino, irmão do meu pai, e sua linda esposa Nelsi. Juntos, formavam uma belíssima família com quatro filhos, que naquela época, eram tão pequenos como eu e meu irmão; Meus queridos primos Dirceu, Denise, Delci e Décio, um quarteto lindo e muito divertido.

Também morava naquela casa, minha avó Adine e outra tia, a irmã do meu pai, (tia Nelsi – sim, tenho duas tias com mesmo nome), que era a caçula dos irmãos. Não tinha casado ainda. Era jovem, bonita e solteira. Por ser um pouco mais velha que eu, meu irmão e meus primos, ela acabava sendo a vítima de muitas das nossas brincadeiras. Eu e minhas primas mexíamos nos perfumes dela, nos sapatos, nas roupas... Tenho certeza de que a deixamos irritada muitas e muitas vezes... Mas, de bom coração, nossa jovem e adorável tia sempre nos perdoava...

No dia em que ela casou, nós crianças lamentamos, ao mesmo tempo em que nos alegamos muito por ela. Lamentamos porque não poderíamos mais mexer nas coisas dela, provavelmente o marido não deixaria! E nos alegamos porque ela sonhava em casar, e realizar seu sonho de ser mãe. Casou com um bom moço que cuida dela e a faz feliz até hoje. Tio Edmundo, é uma pessoa de bem, tem um coração generoso e está sempre sorrindo. É calmo, prestativo e gentil. Fruto desse amor, minha prima Danieli, que nasceu anos depois. Linda como a mãe, sorridente como o pai. Trouxe luz para a vida dos dois. Desde pequena irradia alegria. É uma das pessoas mais generosas e queridas que eu conheço.

Naquela época, meu irmão, eu e meus primos, formávamos

um grupo bem barulhento de seis crianças! E quando vinham os filhos do outro irmão de meu pai, tio Valdemar, a festa estava garantida! Pois a prole de tio Valdemar e da bela tia Dora, formava um alegre grupo de oito crianças! Meus primos e primas, Marli, Lizete, Elaine, Cleci, Clair, Clóvis, Gilberto e Ledi, são sem sombra de dúvida, o grupo de primos que todo mundo deveria ter!

Havia as primas mais velhas, que já namoravam e, portanto, eram para nós, meninas pequenas, tema de muito assunto e curiosidade. Havia aqueles que tinham a mesma idade que eu e meu irmão, e nesse caso, cúmplices das nossas aventuras, e havia os pequenos que inevitavelmente, eram os penetras da festa! Hoje, analisando aquela época, todas aquelas crianças, toda aquela correria... Gritos, confusão, risos, perseguição... Provavelmente deixávamos todo mundo louco! Nossos encontros eram uma festa! Havia alegria naquela casa, muita alegria!

Minha mãe, tias e a vovó, concentravam-se na cozinha. A cozinha era o lugar das mulheres! Lá, se trabalhava a pleno vapor! Crianças por algum estranho motivo estão sempre com fome. E o imenso pomar, as mais diversas frutas da estação, não dava conta do apetite voraz que aquela turma imensa de aventureiros sentia! Vivíamos rondando a cozinha! Se essa turma dava trabalho? Ninguém nunca reclamou. Se essas mulheres se cansavam? Acredito que sim. Mas não se ouvia queixas nem murmuração. Trabalhavam, riam, cozinhavam e compartilhavam suas experiências de vida.

Mulheres lindas, guerreiras, esposas e mães que reconheciam e valorizavam a família unida e feliz.

Às vezes me vem à memória um entardecer qualquer de outono, o fogo no fogão a lenha e naquela cozinha imensa, um pequeno grupo de mulheres, ria e fazia o jantar... Alguém comprou um batom, todas elogiavam a cor! Alguém temperou o arroz, todas elogiavam o sabor! Alguém fez o chimarrão, todas elogiavam

também! E em meio a temperos, maquiagens e muita risada, essas mulheres maravilhosas trocavam experiências, apoiavam e motivavam umas as outras... Que grupo incrível! Que família incrível! Sou muito grata a Deus por fazer parte dessa história.

Tivemos uma infância muito feliz! Todos nós tivemos. Meus primos e eu. Uma infância no bom e velho estilo “Sítio do Pica-Pau Amarelo”. Vovó, sempre amável e doce. Sentava quietinha em alguma cadeira e observava toda aquela agitação. Ela também criou uma turminha do barulho e sabia que aqueles anos passavam voando. Talvez por isso, não se via vovó estressada ou agitada. Sempre calma, tranquila e em paz...

Às vezes passava alguns dias lá em casa... Ficava uma semana. Nesses dias, a diversão era certa! Ela me ensinava a fazer brinquedos, roupinhas de bonecas e caixinhas decorativas... Certa vez, fizemos um bolo juntas. Só quando já estava no forno, e nós frustradas porque não crescia, é que nos lembramos de que não havíamos posto fermento nele! Rimos muito e depois comemos o bolo daquele jeito mesmo! Vovó certamente foi uma referência muito importante em minha vida. Sou grata a Deus pela vida dela. Vovó faleceu aos 79 anos. Ainda hoje, representa para todos nós, um elo que nos une uns aos outros.

Lembro-me de vovó contando que certa vez teve uma visão. Ela dizia que na visão, subiu ao céu, e lá viu as mais belas flores e as mais lindas e diversas cores. A beleza era tanta, e a luz também, que não havia como descrever... Vovó amava o céu. Ela está lá. Tenho certeza de que está feliz. Está bem e orgulhosa também de tudo o que construiu aqui na Terra... O legado que ela deixou permanece até hoje e se estende entre aquele grupo de crianças que corria pela casa dela... Eu, meu irmão, primos e primas... Todos nós crescemos e construímos nossas próprias vidas e famílias. Mas o legado continua sendo passado de geração em geração...

Super-homem & Mulher Maravilha...

Mas no princípio da criação Deus ‘os fez homem e mulher’. ‘Por esta razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne’. Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe”.

(Marcos 10:6-9)

Bom, já falei anteriormente que meu pai era pastor quando eu nasci e que ambos, ele e minha mãe, eram professores. Mas, há mais! Muito mais! No decorrer dos anos identifiquei nos meus pais um forte desejo de vencer na vida. De construir algo melhor para a família. Ambos sempre foram muito batalhadores. Trabalhadores. Viveram experiências em diversas áreas diferentes na vida. Sempre buscando agregar, melhorar, somar, construir!

Vi meus pais pastorear igrejas e dar aulas. Também vi meus pais cultivando a terra e cuidando dos animais. Vi meus pais montando empresa e se dedicando a ela, vi meus pais construindo casas e levantando cercas. Vi meus pais fazendo programas de rádio e evangelizando multidões. Vi meus pais trabalhando juntos e construindo um futuro melhor para família. Vi meus pais... Sim, eu vi meus pais... Os dois. Juntos. Eu os vi. Vi e aprendi. Aprendi que só cresceremos se permanecermos lado a lado, trabalhando e lutando na mesma direção. Não um contra o outro, não um sim e o outro não. Mas ambos, lado a lado. Um casal. Lições preciosas sobre o casamento? Aprendi com eles, meus pais. Sempre estavam juntos. Encaravam qualquer desafio em dupla. Formavam uma equipe imbatível. Se o plano era mudar de cidade e montar uma empresa? Eles encaravam juntos! Se o plano era mudar de cidade e assumir outra igreja? Eles encaravam juntos! Se o plano era voltar para o interior, comprar terra, criar gado e se dedicar a isso? Certamente o fariam juntos! Se fosse para dar aula? O Fariam juntos! Ministraram na igreja? Sim, Juntos! Apresentar um programa de Rádio? Gravavam juntos. Passear? Juntos. Viajar? Juntos.

Eles formavam uma equipe e tanto! Hoje, quando penso

nisso, me emociono! Meus pais foram muito guerreiros! Super-homem e Mulher Maravilha moravam lá em casa quando eu era criança. Sim. Fui criada por eles! Sou filha do Super-homem e da Mulher Maravilha! Meus pais, meus heróis. Tenho muito orgulho deles. Tudo o que fizeram por mim, enche meu coração de alegria e gratidão a Deus. Eu recebi deles muito mais do que a vida, recebi deles um legado precioso. Incorruptível. Sólido e eterno.

A Irmandade...

Quem ama seu irmão permanece na luz, e nele não há causa de tropeço. (1 João 2:10)



Eu tinha uma madrinha. Era a irmã da minha mãe. Minha querida tia Traudi. Ela tinha a risada mais divertida e gostosa do mundo! Quando a visitávamos, era uma festa só. Ela e minha mãe eram muito amigas. Elas se amavam. Tinham suas conversas. Conversas de irmãs. Riam alto e contagiavam a todos na casa.

Foi uma época maravilhosa! Tia Traudi e seu marido, tio Fritz tinham três filhos, Márcia, Marisa e Marciano. Todos mais ou menos da nossa idade, minha e de meu irmão. Eles formavam um trio divertido demais. E juntos, éramos imbatíveis.

Acho que essa amizade que minha mãe tinha com a irmã, essa parceria, as risadas e confidências, é a mesma que tenho com meu irmão. É maravilhoso quando se tem um irmão, ou uma irmã, ou ambos! Acredito que os irmãos são os melhores amigos que alguém pode ter. Por isso eu nunca quis ter um filho único. Em minha opinião, o filho único sofre muito. A solidão é horrível. Sim eu sei que muitos vão argumentar de que o filho único tem primos e amigos, têm vizinhos e colegas e que, portanto não está só. Mas, embora todas essas crianças sejam realmente importantes para um filho, os irmãos são, em minha opinião, mais do que necessários. São Essenciais!

Irmãos são os primeiros amigos. São os confidentes. Eles protegem uns aos outros e defendem-se com unhas e dentes, se for preciso. Sim, irmãos brigam. Irmãos podem realmente ter grandes atritos. Mas sempre farão as pazes. E se alguém ameaçar um deles, os outros irão entrar na briga também. Irmãos foram feitos para isso. Ensinam-nos a esperar, compartilhar e perdoar. Ensinam-nos a amizade, o companheirismo e a lealdade. Irmãos são vitais para qualquer ser humano. Eles definitivamente tor-

nam a nossa vida mais rica e mais feliz!

Minha mãe tinha uma ligação bonita com a tia Traudi. A outra irmã, tia Nilda, morava longe. Viam-se muito pouco. Uma vez por ano, em média. Às vezes passavam anos sem se ver... Então, a saudade era imensa, e a vontade de estar próxima, também. Escreviam cartas uma para a outra, na ânsia de amenizar a distância que as separava...

As visitas eram raras... Não se viram muitas vezes no decorrer da vida. Mas elas amavam uma a outra. Quando se viam, riam muito. Realmente se divertiam! Tia Nilda e tio Eno, marido dela, tiveram três filhos, Gerson, Denise e Edson. Foi uma época maravilhosa aquela... Pena que não morávamos mais perto, com certeza teríamos nos divertido muito mais!

Com o irmão, tio Ivo, minha mãe tinha uma amizade muito bonita também. Eram muito próximos. Visitavam-se com frequência e eram muito amigos. Minha mãe amava o irmão profundamente. Quando se viam, riam e conversavam durante horas. Infelizmente desse quarteto sobrou apenas um... E como diz o ditado, uma andorinha só não faz verão... Minha mãe e suas duas irmãs, já faleceram... A esposa de meu tio, tia Isolde, também já partiu... Restaram lembranças... Memórias de uma época e de pessoas que marcaram nossas vidas de forma permanente.

Para alegria e consolo de meu tio, seus três filhos e vários netos permanecem próximos a ele. Eu acredito que esta seja uma das maiores bênçãos que os pais podem ter na vida, filhos e netos próximos de si.

Já meu pai e seus irmãos, sempre moraram perto uns dos outros. Mesmo que um ou outro ficasse longe por algum tempo, ainda assim, acabava retornando para a região onde a família vivia. Infelizmente, não são mais quatro hoje são apenas três irmãos. Meu tio Valdemar já faleceu, e faz muita falta. Mas os

irmãos mantêm um forte vínculo entre si e permanecem próximos e unidos, com a graça de Deus.

O que eu considero o mais bonito são os filhos, meus primos, tanto do irmão e uma irmã de minha mãe, quanto dos irmãos e da irmã de meu pai. A maioria deles está lá. Pertinho dos pais... A família está crescendo, os netos estão chegando e aquele grupo que um dia já foi pequeno hoje está cada vez maior. Isso são raízes. É herança. É legado. É lindo!

Olho para trás e vejo que a vida que foi construída por eles, meus pais, tios e tias, essa construção deles, permanece dando frutos! Alguns já partiram, sim, é verdade. Mas o que eles deixaram para trás, não morreu! Acredito que é nesta bagagem que está o sentido da vida. Na bagagem que passamos para a geração que vêm após nós. Quando essa bagagem não se perde, não se rompe e não se deteriora, então podemos olhar para trás e nos sentirmos vitoriosos, porque aquilo que foi construído é sólido e permanecerá eternamente.

Irmãos são Tesouros...

Pois, onde estiver o seu tesouro, ali também estará o seu coração. (Lucas12:34).



Irmãos são tesouros. Quando minha filha Anna Lucia nasceu, meses depois eu desejei que ela tivesse um irmãozinho... Achava que ela se divertiria mais, brincaria mais, se alegraria mais, se tivesse alguém do tamanho dela para compartilhar tudo. E quando Gabriel Alexandre chegou realmente se tornou o amigo, o companheiro o irmão de todas as horas. Ambos brincavam muito. Faziam tudo juntos. Mas eu olhava para aquela dupla e desejava que tivesse ao menos mais um, para que se tornassem um grupo. Uma equipe! Fazia falta, mais esse “um”. Então, meses depois, nascia Daniel Alexandre. Pequeno, sapeca, trouxe alegria aos dois irmãos. Ambos se revezavam para cantar e tocar para o pequeno bebê. Lembro-me de certa vez, logo depois de voltar do hospital, estar na sala; Daniel estava cochilando no carrinho e Gabriel e Anna Lucia tomavam suas mamadeiras deitados no sofá em minha frente. Eu olhei para aquelas três crianças, Com três anos e meio, dois anos e um recém-nascido e pensei: Meu Deus eu fiz isso. Dei a luz a esses três pequenos seres. São meus. Os três pequeninos são meus. Saíram de dentro de mim. Como eu fui capaz de trazer ao mundo esses pequenos seres, tão frágeis e tão lindos?! Eles são meus, eu pensei. São meus para sempre. Lindos, maravilhosos e assustadoramente frágeis. Será que eu daria conta? Será que eu seria capaz de cuidar deles? Será que eu conseguiria atender as necessidades de todos eles?

Naquela manhã ensolarada, olhando para meus três pequenos filhos, na sala de casa, me dei conta do grande milagre, do imenso milagre que eu estava vivendo em minha vida. Eu nunca mais seria a mesma pessoa. Nunca mais. A partir daquele momento, eu viveria para eles. Eu precisava criar educar, ensinar, amar, proteger, amparar, alimentar, acarinhar, afagar e

aquecer meus três pequenos bebês. Essa seria a minha missão pelos próximos anos. Eu estava preparada para isso? Eu olhei pela janela... Os reflexos do sol criavam pequenos desenhos no tapete do chão da sala. Sim, eu daria conta, pensei. Poderia contar com o Criador daquele Sol que nos aquecia naquele momento, o Criador daqueles três pequenos seres frágeis e dependentes, e os entregou a mim, confiando que eu seria capaz... Sim, eu contaria com ele, com a ajuda de Deus, para cumprir minha missão.

Confesso que nem sempre foi fácil. Eu morava longe da família. Casada com um homem que serve o país trabalhando no Exército Brasileiro, que vivia em missões e que raramente estava em casa durante o dia, vi-me sozinha muitas vezes. Houve dias de bebês com cólicas e dor de ouvido. Houve dias de bebês doentes e médicos negligentes. Houve dias de birras, pirraças e desgaste emocional. Houve dias de solidão, porque bebês precisam muito de atenção e cuidados, mas são pequenos demais para ajudar no que quer que seja. E eu tinha três. Por mais que meu marido ajudasse quando chegava a nossa casa, ainda assim, quando ele chegava, já era noite. O dia era todo meu. Para cuidar de três pequenos que muitas vezes precisavam ser atendidos ao mesmo tempo! Por incrível que pareça, eu dava conta. Por incrível que pareça, eu me virava. Sempre fui ágil, sempre fui “desenrolada” para fazer as coisas, graças a Deus. Realmente, Deus sabia para quem estava entregando aquelas três pequenas e frágeis criaturas. Deus sabia que eu daria minha vida por eles e que faria o meu melhor para amar, ensinar, cuidar e proteger a minha prole. E tenho feito isso há quase uma década. Hoje, Anna Lucia está com nove anos. Linda e maravilhosa, desabrochando para a vida. Minha filha, minha amiga, minha companheira. Ela me acompanha aos eventos onde vou pregar, entusiasmada e cheia de alegria, recebo dela apoio e amor incondicional. Mi-

nha filha é para mim um grande presente de Deus! Ela ajuda, é dedicada e caprichosa. Anna Lucia é o primeiro presente de Deus em minha vida. Gabriel Alexandre está com sete anos. Já é um homenzinho. Parceiro, companheiro, sempre preocupado com a mamãe. Gabriel é o segundo presente de Deus em minha vida. Daniel Alexandre está com cinco anos. Eles crescem rápido, eu sei. Daniel é parceiro, companheiro e ajudador! Daniel é o terceiro presente de Deus em minha vida. Recebi do Senhor três presentes muito especiais. Três milagres. Três bênçãos. Por eles dou a minha vida. Por eles eu morreria sem pestanejar... Eles são o melhor de Deus para a minha vida e eu sou infinitamente grata ao Senhor pela bondade Dele para comigo. Obrigada querido Deus. Eu Te amo.

Filhos, Herança do Senhor...

Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá. Como flechas nas mãos do guerreiro são os filhos nascidos na juventude. Como é feliz o homem que tem a sua aljava cheia deles!

Não será humilhado quando enfrentar seus inimigos no tribunal. (Salmos 127:3-5)



Filhos são os maiores presentes que Deus pode nos dar. Eles são a herança do Senhor. No antigo testamento, a mulher que não tinha filhos, sentia-se incompleta. Por algum motivo, a cultura, o feminismo, a relação da mulher com a carreira, roubou dela o milagre da maternidade. Não estou desfazendo aqui, das conquistas que muitas mulheres guerreiras e sofredoras alcançaram para todas nós. Direito ao voto, a carreira, a salário e tantas outras coisas. Refiro-me a esse feminismo doentio que tenho visto por aí, onde a mulher coloca o homem numa “caixinha” e o oprime. O que é tão nocivo quanto o machismo. Deus criou o casal para ser uma só carne. Ninguém deveria estar acima ou abaixo. Se o homem recebeu a liderança de Deus, foi para exercê-la em amor sacrificial. Se a mulher foi chamada para ajudar, essa ajuda deveria ser exercida com respeito. Mas as coisas saíram do rumo e o homem por séculos achou que poderia oprimir a mulher e tratá-la com desprezo. As mulheres por sua vez, desejaram vingar-se e hoje o que observamos por aí, são muitas mulheres defendendo uma forma de vida que exclui completamente o plano de Deus para elas e para a família.

Com tristeza tenho constatado cada vez menos mulheres desejando a maternidade. Cada vez mais mulheres optando pela vida vazia de sucessos profissionais. Mulheres que se distanciaram do propósito de Deus para a vida delas. Que dedicam seus anos de vida a uma carreira fugaz, vitórias efêmeras e a um trabalho onde não farão falta e rapidamente serão substituídas, quando encerrarem sua vida nesta Terra. É algo cruel, eu sei. Mas é a verdade. Só se constrói algo concreto quando isso é passado para a próxima geração. Quando você entrega um legado a filhos, sejam eles do ventre ou do coração, mas quando você passa algo de valor para

uma criança, algo que pode ser passado para as próximas gerações, então, muito depois da sua partida, o seu legado permanecerá e continuará a crescer, porque você plantou vida em vida.

Filhos levarão consigo a bagagem que lhes passamos. O legado que lhes entregamos permanecerá com eles por toda a vida, e será entregue para os filhos deles um dia, e para netos, bisnetos e assim por diante. Por isso que a maternidade é tão rica, abençoadora e importante! Nela somos mais do que necessárias. Através da maternidade nós nos tornamos eternas.

Nós mulheres, somos a junção de várias mulheres que maternaram antes de nós. Mulheres que carregaram no ventre, amamentaram, ensinaram, alimentaram, amaram, cuidaram e educaram a cada uma de nós... Mulheres que nos passaram seus legados, uma a uma, através das gerações. Se eu e você temos hoje uma bagagem para enfrentar a vida, recebemo-la do ventre e do coração de uma mulher. Essa que nos antecedeu. Essa que herdou a própria bagagem de outra mulher antes dela que por sua vez também a recebeu de outra. E assim por diante... Mulheres são geradoras de vida, mulheres são doadoras de vida. Quando isso lhes é tirado, a vida perde o sentido.

Vejo mulheres que se aproximam dos seus anos finais de vida, e se percebem vazias, sozinhas, frustradas e desoladas. Sentem que a vida não tem sentido, não tem significado. Escolheram trilhar carreiras que hoje são trilhadas por outras mulheres bem mais jovens do que elas. Escolheram os aplausos de pessoas que estão longe quando ela se sente só, e chora a noite, deitada em sua cama sem ninguém para lhe perguntar se está bem ou se precisa de alguma coisa... Talvez você possa argumentar que filhos são criados para o mundo que não estarão do seu lado quando envelhecer, que eles tem suas próprias vidas para cuidar e que de uma forma ou de outra você chegará ao final da sua vida, só. Tenho para lhe dizer que, mesmo que eles cresçam e

voem para fora do ninho, seus corações sempre baterão pelo lar. Mesmo distantes carregarão consigo tudo que herdaram daquela que lhes gerou. E esse amor, respeito e gratidão aquecerão a sua alma quando a distância se instalar entre vocês. Seu sangue correndo em seus corpos, sua vida pulsando em suas vidas é mais do que gratificante, é o prêmio mais valioso que receberá em vida ainda, especialmente porque você permanecerá vivendo e pulsando através deles e neles, quando não estiver mais aqui. A doce certeza da missão cumprida, do legado entregue e da continuidade que haverá, de tudo o que você os ensinou, é mais do que o suficiente para encher seu coração de alegria e de significado. A vida valeu apenas ser vivida e doada, porque apesar de tudo ela segue. Seu legado permanece e você plantou algo eterno.

Não consigo pensar em nada mais precioso do que a maternidade. Saber que em meus filhos eu toco vidas que ainda nem existem. Saber que ao ensinar e entregar um legado aos meus filhos, já estou influenciando gerações que ainda virão a existir, é de um valor que transcende qualquer projeto que possa ter nesta vida.

A forma como ensino os meus filhos a lidar com a vida, a bagagem que lhes entrego, essa bagagem percorrerá muitas mãos, vidas e corações... Muito após mim, ela ainda estará viva. Influenciando e direcionando gerações. Essa consciência despertada em mim a percepção de que de alguma forma, maternando, sou eterna. Meu trabalho no lar supera qualquer outro fora dele. As lições passadas aos meus pequenos hoje, serão lembradas por eles e aprendidas e ensinadas por gerações que sequer virei a conhecer. Mas porque um dia eu tive a consciência de que o que eu plantava, eram sementes eternas, pude plantar com sabedoria. E por saber que elas jamais morreriam, pude plantar com alegria. Diga-me se consegue pensar numa forma melhor de envelhecer e morrer do que esta? Sabendo que você permanecerá através dos séculos, viva e transmitindo vida a quem ainda está por vir...

A Mesa na Casa dos meus Pais

Portanto guardai isto por estatuto para vós, e para vossos filhos para sempre. (Êxodo 12:24)



Lá em casa havia duas mesas. A mesa da sala de jantar e a mesa da cozinha. Sempre estiveram lá. Desde quando eu nasci. As refeições da família aconteciam lá. À mesa. Ninguém comia com prato no colo, vendo televisão ou jogando videogame. Não. Era preciso sentar-se à mesa. Podia ser na mesa da sala de jantar, aos domingos ou quando chegavam visitas. Ou poderia ser à mesa da cozinha, durante a maior parte do tempo. Mas definitivamente, sentávamos à mesa para fazer as refeições em família, durante toda a minha infância e adolescência (Foi na minha adolescência que minha mãe faleceu e esse é assunto para outro livro...), as coisas foram assim.

A família se reunia em torno da mesa.

Talvez fosse nossa mesa de reuniões... E a cozinha, a sala de reuniões. Sim, era isso. Lugar para se reunir! Claro que quando se é criança, não se dá valor a essas coisas. Só as valorizamos muito tempo depois, quando nós mesmos nos deparamos com o desafio de reunir a família em torno da mesa, para as refeições.

Todos os dias eu tenho a oportunidade de conversar com alguém sobre a importância da mesa na família. A importância de se fazer as refeições juntos. Ao menos uma. À mesa criamos vínculos. À mesa conversamos, rimos e compartilhamos histórias. À mesa aprendemos a olhar uns nos olhos dos outros, a servir e ouvir. A mesa é um milagre em uma casa. Ela atrai. Ela une. Ela abençoa.

À mesa agradecíamos pela refeição e elevávamos nossos pensamentos ao criador. À mesa eu aprendi a fazer as minhas primeiras orações. Era à mesa que nos conscientizávamos da bênção que é poder partilhar o pão. À mesa eu aprendi a esperar, ouvir, servir e respeitar o outro. Aprendi a ter devoção e gratidão.

À mesa também aprendi que é preciso ajudar e que o trabalho feito em conjunto é suave para todos. À mesa também aprendi que somos diferentes, temos gostos diferentes, jeitos diferentes e falas diferentes, mas acima de tudo, aprendi que à mesa temos a oportunidade de reunir por alguns minutos, as pessoas mais importantes da nossa vida. E que isso, não tem preço.

Infelizmente, o que vemos hoje, são casas onde nem mesas existem mais. Cada um fazendo suas refeições em cômodos diferentes da casa. Em frente a um computador ou a um televisor. Assistindo seus programas entorpecentes enquanto dilaceram a família pouco a pouco. Não percebem que estão trocando sua herança por um prato de lentilhas, como Esaú fez. Às vezes somos assim. Não damos valor àquilo que há de mais precioso em nossas vidas. Distraímos-nos com bobagens, com a vida dos outros ou com programações que levam nossos corações para longe do nosso lar. Vejo cada vez mais homens e mulheres cujos corações estão batendo longe de suas famílias... Casas cheias de pessoas, mas vazias de sentimentos. Cheias de pessoas, mas vazias de carinho, vínculo, amor e afeto. Pergunto-me em que momento nós vamos parar para reavaliar o caminho que a família moderna está tomando ultimamente? O que é preciso acontecer para que pais e mães percebam que estão caminhando rumo ao precipício com esse modelo de lar que estão construindo?

A Mesa na minha Casa...

Tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: “Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim”. Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vocês. (Lucas 22:19-20)



Nunca consegui imaginar a minha casa sem mesa! Sei que existem muitas famílias que não sentem falta de uma mesa. Fazem as refeições em horários diferentes, não se reúnem para compartilhar uma refeição e também não se importam com isso. Mas, considerando que aprendi sobre a importância da mesa, com minha mãe, obviamente não deixaria de honrar esse legado em minha vida. A mesa é lugar de cura, de perdão, de restauração, de restituição. Lugar de honra, de alegria e de serviço. Lugar de amor, de afagos e de risos.

Amo preparar mesas. Coloridas, floridas, alegres, discretas, de uma cor só, ou de várias, com flores e velas, guardanapos, enfeites, pratos diferentes, copos ou taças, talheres bonitos e uma comida saborosa... Sim! Amo! É especial para mim, ter o meu esposo e os meus filhos juntos comigo ao redor da mesa.

Sei que a vida de muita gente é corrida. A minha é. Café da manhã em família? Só nos feriados e finais de semana, pois meu esposo sai cedo para trabalhar e as crianças levantam logo depois, para mais um dia de escola... Para o almoço? Meu esposo almoça no trabalho e não vem para casa ao meio dia. Almoçamos somente as crianças e eu (Sim. A mesa, todos nós). Mas família inteira reunida? Só no jantar. Sim! É no jantar que tento reunir toda a família para compartilharmos a refeição e usufruirmos da companhia uns dos outros. Ainda assim, preciso equilibrar minha agenda no consultório (Trabalho até a noite), as aulas de música e inglês das crianças (que são à noite), o culto de quarta-feira na igreja (à noite também) e as visitas pastorais que são tão importantes e necessárias no ministério (É que só conseguimos fazer a noite, porque durante o dia, trabalhamos). Parece fácil?

Esforço-me ao máximo para servir refeições completas, nutriti-

vas e saborosas. Consigo sempre? Não. Às vezes apelo para o macarrão com molho de tomate caseiro e manjeriço fresco. Outras vezes, alguma receita de família prática e rápida. Tenho livros de receitas com dicas para refeições rápidas de 30 e de 15 minutos. Sim, preciso desse tipo de suporte, senão, sei que não vou dar conta! E quando o tempo é muito curto ou o cansaço extremo, talvez faça sanduiches vegetarianos para o jantar! Ainda assim, coloco uma bela toalha de mesa, um vaso de flores e às vezes acendo velas... Guardanapos bonitos. Copos ou taças coloridas dependem do cardápio... Mas minha família é minha prioridade e eu me esforço para oferecer o meu melhor a eles. Graças a Deus, há aqueles dias em que consigo servir o jantar que planejei. Há aqueles dias maravilhosos em que posso ter minha família reunida em torno da mesa no café, no almoço e no jantar. Esse dia é para mim, simplesmente o dia perfeito! No entanto, mesmo em meio a correria do dia-a-dia, mesmo que nem sempre a refeição que sirvo, seja aquela que gostaria de ter servido... Ainda assim, há duas coisas que não abro mão! Ter ao menos uma única refeição do dia, todos juntos, em família. Sem celular, sem televisão, sem campainha ou interfone... Toda família reunida para compartilhar ao menos uma refeição do dia. E que, ela seja feita à mesa.

Se o dia vai ser corrido e a noite não vai ser possível jantar em família, talvez eu peça para meu esposo vir almoçar em casa. Ou então, acordo as crianças mais cedo para tomarmos café da manhã todos juntos. Ou então, em última análise, faço um lanche da tarde aonde sei que todos vão poder estar antes que os compromissos da noite comecem. Busco estratégias para conseguir honrar o meu compromisso de passar aos meus filhos o legado que recebi. E quando aos domingos, as crianças invadem a nossa cama, felizes e serelepes gritando “vem ver a surpresa mamãe”, e me deparo com uma mesa linda de café da manhã, com pratos, talheres, copos e guardanapos. Flores e velas... Nesses dias eu sei que estou conseguindo plantar a semente certa no coraçãozinho dos meus filhos... Nesses dias sussurro baixinho “Obrigada Senhor”...

Tempo com Deus...

Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas serão acrescentadas a vocês. (Mateus 6.33)



Lembro quando meu pai chegou com duas pequenas caixinhas. “Caixinhas de promessas”... Sim. Eram repletas de versículos bíblicos e tínhamos que decorar um por semana. Era divertido. Crianças acham tudo divertido. Por isso, semear a palavra de Deus no coração da criança não é um trabalho difícil. Eles aprendem rápido. Gostam de aprender. E são extremamente motivados por desafios! Se houver algum prêmio envolvido para aquele que falar mais versículos bíblicos... Muitos adultos passarão vergonha!

Lembro-me de ter recebido dos meus pais, uma Bíblia para crianças, aos sete anos de idade. Eu amava ler aquela Bíblia! Em pouco tempo, li todo o novo testamento. E depois de alguns anos, li a Bíblia inteira. Anos depois, já a havia lido várias vezes. Por quê? Porque amo o que encontro nela toda vez que a leio! Mas a semente foi plantada em meu coração quando eu ainda era pequena. Por isso, desde muito pequeninos, meus filhos sempre tiveram suas Bíblias. Eles amam a Bíblia. Quando aprendem a ler, ganham uma Bíblia “De adulto”. Não mais aquela cheia de histórias com figuras. Mas uma que vai do Gênesis ao Apocalipse e que eles podem aprender a acompanhar a leitura na igreja, pelos capítulos e versículos citados.

Acredito que nada é mais importante do que desenvolver em nossos filhos o hábito de ler a Bíblia, de passar um tempo com Deus, se relacionando com Deus e na presença Dele. E, como qualquer outra lição que se queira ensinar a um filho, ela começa por nós mesmos. Não é possível ensinar nada que seja duradouro, se nós mesmos não somos um exemplo a ser seguido nessa área. Não se pode ensinar um filho a ler a Bíblia, se ele nunca lhe vê lendo... Não se pode ensinar um filho a orar, se ele

nunca lhe vê orando... Começa por mim. Toda lição que desejo ensinar aos meus filhos, começa por mim. Se eu não me dedicar a ter um tempo com Deus, como espero que meus filhos o façam? É nessas horas que lembro da minha mãe... O trabalho era imenso, o cansaço, extremo. Acordava de madrugada e dormia tarde da noite.

Havia tanto trabalho, tanta coisa a ser feita... No entanto, às vezes, passando em frente do quarto dela, encontrava-a sentada em sua cadeira de balanço, lendo a Bíblia. Outras vezes, entrava em seu quarto e lá estava ela, ajoelhada ao lado da cama, orando. Naquela época não havia máquina de lavar e centrifugar roupas... Não havia micro-ondas nem panelas elétricas... Eu tenho muito mais facilidades no meu dia-a-dia do que minha mãe teve. Ainda assim, por algum motivo, tenho a impressão de que consigo fazer menos coisas do que ela fazia... E se não me policiar, posso cair no erro de tantas mães e profissionais como eu; inverter as prioridades e esquecer-me do mais importante... Por isso eu sei que, sem ajuda do alto, sem a ajuda de Deus, não vou conseguir dar conta. Sem Deus falta energia, sem Deus falta sabedoria, sem Deus, não dá certo. Precisamos entender que para construir um legado que permaneça por toda a eternidade ele tem de ser construído com uma vida vivida na dependência de Deus.

*Um médico, um Erro e uma
Perda Irreparável...*

*O Senhor é refúgio para os oprimidos, uma torre
segura na hora da adversidade. (Salmos 9:9)*



Deveria ter contado isso antes... Mas decidi deixar para agora. Eu tinha dois anos de idade e minha vida estava um mar de rosas... Não, não estava não. Mas, como diz um antigo ditado, “nada é tão ruim que não possa piorar...”. Eu me sentia sozinha e ansiava por companhia... Então, um belo dia ela chegou! Risonha e linda, minha irmãzinha! Foi amor à primeira vista. Era a criatura mais bela que eu já havia visto! Rapidamente minha irmã se tornou meu mundo, meu tudo!

Eu sonhava com as brincadeiras que teríamos assim que ela estivesse em condições de correr... Eu ficava ao lado do berço dela e conversava com ela por longas horas... Fazíamos planos (Eu tinha certeza de que ela se comunicava comigo. Nós nos entendíamos somente pelo olhar). Juntas, daríamos a volta ao mundo, escalaríamos montanhas, brincaríamos de pega-pega, esconde-esconde e jogaríamos bola!!! Tínhamos planos. Eu a amava e ela me amava também! Mas isso nunca aconteceu. Ela não viveu por muito tempo... Semanas depois de chegar, foi embora. Junto com ela, toda minha esperança de uma vida feliz...

Crianças pequenas também podem ter depressão. Eu tive. Sentia muita falta dela. Eu sonhava com esse presente, uma irmãzinha. E por um erro médico, ela foi tirada de mim.

Levei anos para entender como aquela perda me afetou...

Não foi fácil para meus pais também. Perder um filho marca a vida de um casal de uma forma terrível... O dia era chuvoso. Céu nublado... Um longo cortejo seguia aquele pequeno caixão que meu tio levava em seus braços. Familiares e amigos de meus pais estavam lá. Esperavam de alguma maneira consolar aquele jovem casal de pais. Uma tia me levava no colo... Lembro-me daquele dia com muita exatidão. Os degraus da escada na entra-

da do cemitério... A oração e o pequeno caixão azul descendo
à sepultura... A cruz, a terra, o choro... O choro dos outros... O
meu choro...

Uma Visão do Céu...

*Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem
em pé, à direita de Deus!. (Atos 7.56)*



As semanas passavam de forma lenta... Eu não via alegria em nada... Numa manhã de outono, decidi ir ao cemitério orar e pedir a Deus que ressuscitasse a minha irmã... Eu não suportava mais a ausência dela. Queria minha irmã de volta. Eu ouvi falar sobre a fé que remove montanhas... Eu acreditava em Deus mais do que em qualquer outra coisa na minha vida. Tinha certeza de que Deus a tiraria daquela sepultura e eu voltaria para casa com minha irmã nos braços.

Como já relatei anteriormente, o cemitério era ao lado da igreja, que por sua vez, era ao lado de casa. Eu conhecia o caminho... Num momento de distração da minha mãe, me esgueirei por entre as árvores e corri até lá! Subi aqueles degraus com certa dificuldade. E logo na entrada, do lado direito, o primeiro túmulo ali, era da minha irmã. A coroa de flores rosa e roxas estava sobre a cruz e tirar minha irmã de lá, pensava eu, seria só uma questão de tempo...

A cena deve ter parado o céu. Ao lado da sepultura, uma menina de dois anos, cantava louvores para Deus. Ela acreditava que aquela era a forma certa de pedir algo ao Criador. Ao doador da vida. Aquele que poderia devolver à pequena irmãzinha no caixão, o sopro de vida.

Lembro que cantei alguns cânticos e comecei a falar com Deus. Olhei para o céu e disse a Ele: “Deus, o Senhor tem um céu cheio de anjos, não precisa da minha irmãzinha aí. Ela está fazendo muita falta para mim. Por favor querido Deus, devolva-a”. Naquele momento vi o céu se abrir. Eu vi uma espécie de buraco gigante no céu. Vi anjos andando e voando de um lado para o outro. Havia muita luz. Muita, mas muita luz mesmo. De repente, ouvi a voz da minha mãe. Ela estava no portão do

cemitério, chamando por mim.

- O que você está fazendo aqui filha?

- Eu vim buscar minha irmãzinha mamãe.

- Filha, deixe sua irmã descansar. Ela está dormindo. Deixe-a descansar.

- Mãe! Deus vai ressuscitar minha irmã! Você não sabe que se Deus disser para aquela montanha ali, sair do lugar e ir para outro, ela irá?! Então mãe! Deus pode dizer para minha irmã levantar daqui!

Minha mãe olhava para mim com um olhar estranho... Preciso insistir muito para que eu voltasse para casa. Pois eu estava certa de que minha irmã voltaria à vida. Sei que Deus ouviu aquela oração. Não a respondeu do jeito que eu gostaria que tivesse respondido, mas, anos depois, recebi a resposta dos céus. Naquela noite fui dormir cheia de esperança... Quem sabe, encontraria minha irmã no berço, quando eu acordasse pela manhã...

Um Ano Depois...

“Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo” (João 16:33).



Foi um ano difícil. Vi minha mãe chorando pelos cantos, várias vezes. Tudo ficou triste... O berço continuava lá, num canto da sala. Às vezes eu ia até ele e olhava lá dentro... Sempre vazio...

Os meses passavam sem pressa e minha mãe aos poucos foi melhorando o humor. Algumas semanas antes do meu aniversário de três anos, meus pais vieram falar comigo. Uma conversa estranha sobre um irmãozinho... Não entendi muito bem e para ser sincera, não queria um irmão. Queria minha irmã de volta e ponto final.

No dia do meu aniversário, exatamente no dia do meu aniversário!!! Um dia que deveria ser só meu, com presentes só para mim, e eu, sim, eu, deveria ser o centro das atenções! Trouxeram-no! Exatamente! Ele. Um menino feio, chorão e chato que disseram ser meu irmãozinho. Itamar Airton. Detestei.

Ocupou o berço da minha irmã e eu tentei pensar em uma forma de tirá-lo de lá. Intruso! Não te quero! Pensei comigo.

Os dias passavam e ele lá, no colo da minha mãe. Mama-va, crescia e me irritava. Pensando bem, até que ele era bonito... Mas, eu não queria me apegar a ele. Tinha medo. Medo de me apegar aquele bebê e de Deus tirá-lo de mim, como fez com minha irmã. Não! Eu estava decidida. Manteria distância. Para o bem dele... E o meu...

Os primeiros anos de vida dele foram complicados. Ele tinha problemas respiratórios e os médicos diziam que era um milagre que estivesse vivo. Certo dia, eu vi a correria, os médicos, as enfermeiras, a palavra transfusão ecoou pelo corredor daquele hospital. Minha mãe aos prantos, meu pai desabando... O que estava acontecendo? - Acharam um doador! Disse alguém em

voz alta. Mais correia. Mais lágrimas... Horas, exames e lágrimas depois, o pequeno elemento estava vivo. Sobreviveu. Eu tinha certeza de que ele estava vivo porque eu fiquei longe dele... Se tivesse me aproximado e apegado como foi com minha irmã, ele teria morrido, com certeza. Pensei.

Estava decidido. Deixaria minha mãe cuidar dele. Permaneceria distante o máximo possível. Assim, salvaria a pequena vida dele. Faria por ele o que não consegui fazer por minha irmã. Minha distância o manteria a salvo. E assim, por muitos anos, acreditei que era uma menina má, que fui responsável pela morte da minha irmãzinha. Por culpa minha, ela havia morrido. Decidi que tentaria não amar as pessoas nem me apegar a elas, pois cheguei à conclusão que o meu amor, atraía o mal... Se eu me apegasse... Eu as perderia...

Por algum tempo consegui ficar longe dele... Mas ele era tão bonito, tão quietinho e querido... Aos poucos nós nos tornamos amigos, e para minha alegria, ele continuava vivo! A vida voltou a sorrir para mim. Meu irmão se tornou meu grande amigo e até hoje, graças a Deus, continua assim.

Nem Tudo eram Flores...

“O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido.” (Salmo 34.18).



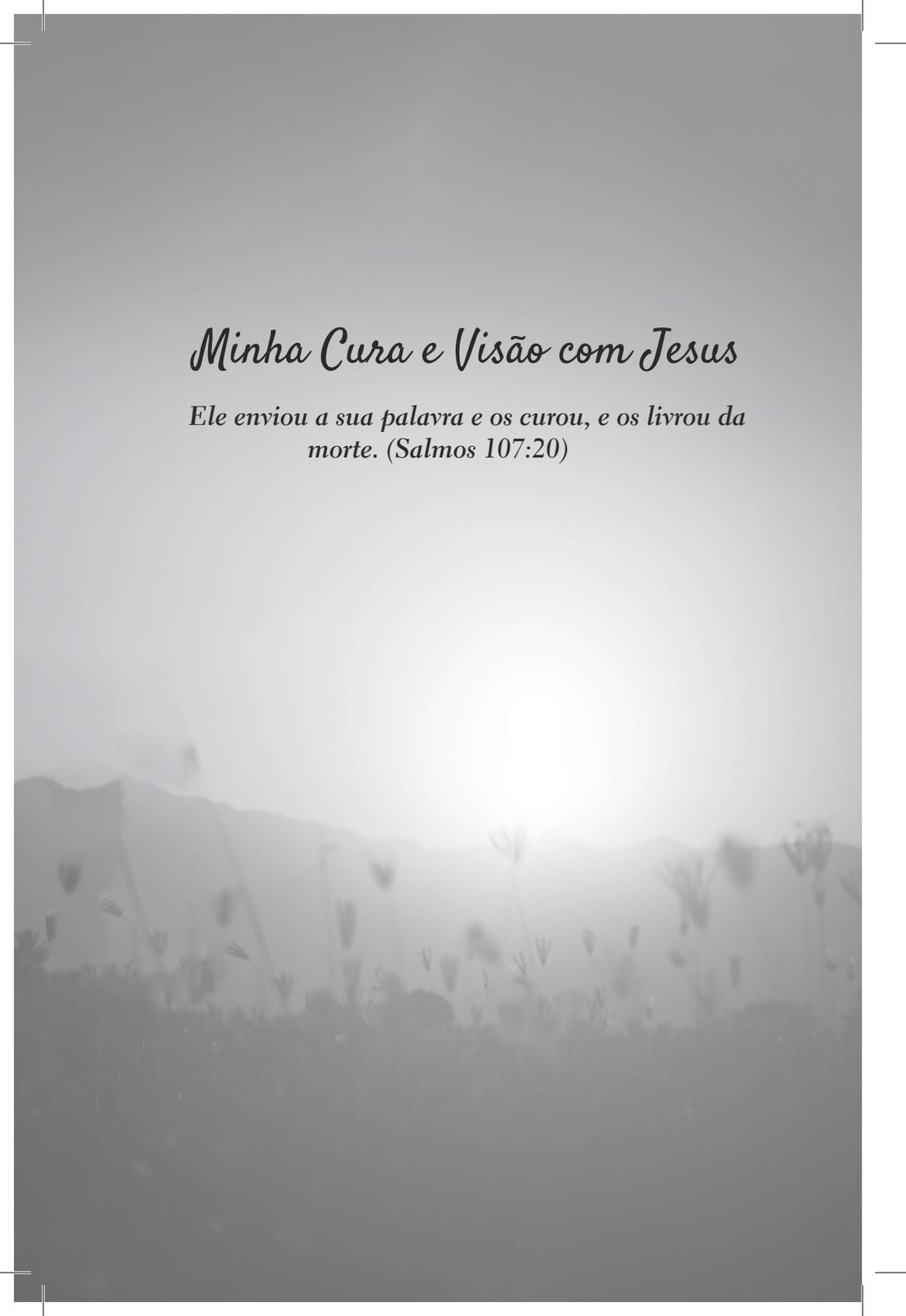
Com a chegada do meu irmão Itamar, a saudade deveria ter diminuído. Mas não diminuiu... Eu continuava com muita saudade da minha irmã. A vida estava difícil para meus pais. Meu irmão estava sempre doente e precisava de cuidados médicos constantemente. Vivia entre a vida e a morte. Lembro-me de minha mãe contando certa vez, que estava em um quarto de hospital, com meu irmão ainda bebezinho, e de repente ele parou de respirar. Ela ficou desesperada, começou a chamar as enfermeiras, corria pelo corredor com o pequeno corpinho do meu irmão em seus braços, gritando a plenos pulmões, desesperada, pois seu filho estava morrendo asfixiado! Implorava para que alguém a socorresse. Mas ao longe só ouvia as risadas de um grupo de enfermeiras alheias a sua dor. Voltou correndo para o quarto com aquele pequeno corpo imóvel, de pele azulada pela falta de ar. Ela sabia que ele estava morrendo. Perderia seu filho. O filho homem que tanto desejou ter. Eram os últimos segundos de vida daquela criança que desejou com toda a sua alma, que sobrevivesse... Seu filho estava morrendo e ela não suportava mais ver tanta dor em seu semblante. Ele sofria com os procedimentos, as agulhas, os exames... Tão frágil, tão pequeno, tão dependente e incapaz... Todos os dias era uma tortura vê-lo passar por todos aqueles protocolos. Ele não melhorava. Não manifestava nenhum tipo de melhora. E agora a sua vida se esvaia de seu corpo e ela era incapaz de impedir. Não havia nada a ser feito.

Lá mesmo, no chão frio daquele quarto de hospital, ela ajoelhou no chão, com meu irmãozinho nos braços, e começou a orar: “Senhor eu não aguento mais ver meu filho suportando tanta dor. Eu o amo profundamente. Já perdi uma filha e agora o Senhor está levando meu filho também. Eu o entrego a ti pai.

Não aguento mais vê-lo sofrendo. Pode leva-lo Senhor. Eu o entrego a ti. Se o Senhor o quer também, pode levar Deus, eu o entrego a ti”.

– Naquele momento, aconteceu um milagre. Meu pequeno irmão suspirou. Como alguém que de repente volta da morte para a vida. Puxou o ar com força, encheu seu pequeno pulmão e fitou os olhinhos na mamãe. Lá estava ele. Deus o tinha devolvido para minha mãe. Assim como Deus devolveu Isaque aos braços de Abraão, Deus também devolveu meu irmão aos braços de nossa mãe. A partir daquele dia, meu irmão começou a melhorar dia após dia do grave problema de fala de ar que ele tinha... Até dar alta. Até ir para casa. Até ficar bem definitivamente. Não sei quanto a você, mas eu amo e louvo a esse Deus. Deus de milagres. Deus de maravilhas e prodígios. Deus tremendo, real e maravilhoso. Vi Deus agir poderosamente durante a minha vida. Vi Deus agir poderosamente durante toda a minha infância. Aprendi a amar esse Deus, aprendi a temê-lo. Aprendi que todas as coisas estão em Suas mãos e nada Lhe é impossível. Em Jeremias capítulo 32, versículo 27 lemos: “Eu sou o Senhor, o Deus de toda a humanidade. Há alguma coisa difícil demais para mim?

Nada, absolutamente nada, é difícil demais para Deus. Todas as coisas Lhe são possíveis e todas as coisas estão em Suas mãos. Eu amo esse Deus!



Minha Cura e Visão com Jesus

Ele enviou a sua palavra e os curou, e os livrou da morte. (Salmos 107:20)

Meu irmão melhorou, mas eu fui ficando cada vez pior... Os médicos diagnosticaram epilepsia. Lembro-me de sentir todo meu corpo com formigamentos. Do alto da cabeça até a ponta dos pés, eu tinha a sensação de que milhões de formigas percorriam meu corpo. Fiz vários exames, na época tomei remédios fortíssimos. Fui hospitalizada várias vezes por causa de convulsões. Os médicos alertaram meus pais para o risco de uma morte súbita. A medicação não me ajudava muito e se eu sobrevivesse, não teria condições de estudar, casar ou ter filhos. Uma vida repleta de cuidados e limitações esperava por mim no futuro. Uma vida nada normal, diziam os especialistas da medicina. Como eu desenvolvi a doença? Não sei. O que eu sei é que de uma hora para outra, passei de uma menina saudável e alegre, para uma menina apática, letárgica e doente. O médico achou por bem avisar meus pais de que as chances de sobrevivência eram muito remotas. Possivelmente, numa das convulsões a perda da consciência e a parada respiratória dariam fim a minha vida. Meus pais ficaram desesperados. Eles viam sua pequena menina de pouco mais de cinco anos desenvolver um quadro cada vez mais grave de epilepsia. Exames caros e médicos em lugares distantes drenaram os poucos recursos que eles tinham. Cada centavo foi gasto para tentar salvar a minha vida. Tudo parecia em vão...

Certo dia eu entrei em coma. Meus pais foram avisados para que se preparassem para o pior. Meu óbito. Eu estava com sete anos de idade. Fui internada às pressas por causa de uma forte convulsão, e pelo que tudo indicava, daquele coma, eu não sairia viva.

Minha mãe estava totalmente prostrada, exausta de tantas

dores, perdas e sofrimento que vinha passando. Meu pai caminhava pelos corredores do hospital, desesperado. O médico disse a ele que apesar de não acreditar em Deus, só Ele poderia fazer um milagre, porque tudo o que a medicina podia fazer, havia sido feito.

Certa tarde, no vigésimo primeiro dia de internação, um amigo de meu pai, pastor muito querido Horst Krüger, que estava passeando no Brasil, ele morava na Alemanha, foi me visitar. Ele orou por mim. Lembro vagamente de uma mão sobre minha cabeça...

Naquela noite, naquele quarto de hospital, tive a experiência mais impressionante da minha vida. Eu dormia numa cama, de um lado do quarto, e minha mãe, estava do outro lado, dormindo também. De repente, eu flutuei em direção à janela. Vi meu corpo lá em baixo sobre a cama. Eu saí flutuando pela janela, vi os prédios e as casas lá em baixo e lembro-me de achar tudo muito divertido. Eu não sentia medo nenhum. Apenas alegria. Eu estava subindo cada vez mais alto e os telhados se distanciavam rapidamente... Não havia em mim nenhum sentimento de pavor ou de tristeza. Também não havia em mim a sensação de estar morrendo, partindo desta vida. Absolutamente nada disso. Apenas alegria. De repente, tão rápido como saí do meu corpo, voltei para ele. E antes mesmo que pudesse compreender qualquer coisa, comecei a ouvir uma música linda! Um louvor maravilhoso. As vozes ficaram cada vez mais claras e mais próximas... Era um coral. Eu sabia que era um coral. Reconheci facilmente porque na igreja que meu pai pastoreava, havia um coral. As vozes maravilhosas, cantando aquele louvor se fizeram ainda mais próximas. Foi aí que ouvi uma voz.

- “Eu sou Jesus, não tenha medo”.

Ele entrou em meu quarto, a luz encheu aquele lugar de tanto brilho que não parecia um Sol, parecia que havia sete Sóis

lá. Foi o que relatei depois para minha mãe. Anos mais tarde me deparei com o versículo em Isaías capítulo 30 versículo 26 onde diz: *“E a luz da Lua será como a luz do Sol, e a luz do Sol sete vezes maior, como a luz de sete dias, no dia em que o Senhor atar a contusão do seu povo, e curar a chaga da sua ferida”*.

Os anjos continuavam cantando. Estavam atrás de Jesus. A frente deles, e ao lado do Senhor, reconheci rostos que nunca havia visto, mas que eu sabia que eram dos meus avós, bisavós e antepassados já mortos. Estavam lá, felizes, radiantes ao lado de Jesus. Olhavam para mim sorridentes. Era claro que me conheciam e estavam felizes de me ver... Para ser sincera, não me ative muito naqueles rostos, embora soubesse que eram da minha família, a pessoa que mais me chamou a atenção, era uma pequena criança, uma menina, que estava de mãos dadas com Jesus. Minha irmã.

Ela sorria para mim. Não era mais uma bebezinha, aparentava ter uns cinco anos, a idade que teria se estivesse aqui na terra naquela época. Não me pergunte como isso é possível. Não tenho as respostas. Apenas sei que a vi. Estava lá, de mãos dadas com Jesus. Ela sorria para mim. Jesus olhou-me nos olhos e disse:

- “Os seus pecados estão perdoados”

E prosseguiu,

- “Porque você ainda sofre por sua irmã? Olhe para ela. Ela está bem. Ela está feliz. Ela está comigo”.

Eu olhei para minha irmã e ela sorria para mim, feliz e radiante de mãozinha dada com o Senhor. Jesus me falou muitas coisas. Naquela ocasião ele falou sobre minha mãe que descansaria em breve, Referindo-se a morte dela... Falou que eu sofreria mais uma vez, uma dor tão profunda quanto à dor que senti ao perder minha irmã, mas que ele estaria comigo. Ele se referia ao aborto que teria vários anos depois e que foi uma das

experiências mais terríveis da minha vida. Falou para eu ter um bom relacionamento com meu irmão, que ele me ajudaria muito na vida e que nós deveríamos nos dar bem. Falou também da família que eu construiria, nesse momento abriu-se como uma nuvem sobre a cama, e eu vi meu marido e meus filhos numa espécie de cena do futuro... Jesus seguiu falando que meu marido me amaria muito e que eu deveria ser uma boa esposa para ele. Disse também que eu não deveria me irritar com as crianças e maternas com paciência...

O Senhor falou muitas coisas que viriam a acontecer no futuro. Falou sobre meus pais, sobre o chamado pastoral de meu pai e também que eu daria prosseguimento a esse chamado. Que seria pastora como ele era. O chamado dele estava sobre a minha vida e que eu recebera a missão de Deus, da mesma forma como meu pai a recebeu.

Sou atacada muitas vezes de forma cruel por pessoas que criticam o trabalho que venho realizando, descontextualizando textos Bíblicos onde as mulheres não podiam pregar a Palavra de Deus, dentro de uma cultura, dentro de um contexto daquela época, numa igreja que precisava de ajustes e precisava resolver conflitos que eram inerentes a ela, e por isso as orientações de Paulo naquela carta aos Coríntios. Sou atacada, mas não me abalo. Algumas pessoas têm escrito mensagens ofensivas me ameaçando com o inferno, e com julgamento de Deus, por pregar a Palavra do Senhor, para essas pessoas tenho apenas uma coisa a dizer: - Foi O próprio Senhor Jesus que me chamou! Recebi Dele o meu chamado pastoral. E não há demônio debaixo da terra nem homem ou mulher sobre ela, que vai me impedir de cumprir o meu chamado!

Enquanto o Senhor Jesus falava, Ele ia me mostrando fragmentos de cenas que aconteceriam no futuro. Mostrou-me um grande campo de gado. Disse-me que tudo aquilo Ele havia me

gado. Era meu. Compreendi mais tarde que se tratava do meu ministério pastoral. Um imenso campo verde com muito gado branco e imensas paisagens e regiões montanhosas e verdejantes... Uma cena linda.

Na sequência o Senhor me mostrou realizando a obra. Lembro-me de estar voltando para casa, feliz, atravessando o que parecia para mim, o saguão de um aeroporto. Eu havia pregado em algum lugar e estava retornando para casa. Era essa a cena que o Senhor estava me mostrando, quando Satanás entrou no quarto, e parou aos pés da minha cama. Ele apareceu de repente e com um olhar repleto de fúria, um ódio que não tenho palavras para descrever, mas que era possível sentir; olhou para mim com todo aquele furor e começou a falar: - “Não acredite nele” – Apontava para Jesus ao lado da minha cama – “Não acredite nele, ele mente! Olhe para ele, ele está mentindo. Tudo o que ele está falando para você é mentira. Olhe para ele e veja como é mentiroso”!

Gostaria de lhe dizer que não tive dúvida em momento nenhum de tudo o que Jesus estava falando para mim. Mas infelizmente, diante da convicção que satanás demonstrava e de sua imensa insistência, lembro-me de desviar os meus olhos daquela criatura horrenda e olhar para Jesus. Em meu íntimo pensei, “Será”? “Será que satanás está certo e Jesus realmente está mentindo para mim?” Não me orgulho desse momento, mas eu não estaria sendo honesta se não o descrevesse. Jesus viu em mim a dúvida se instalando, eu quero deixar claro aqui, que em momento nenhum o Senhor Jesus olhou para Satanás. Quem olhava era eu. Interessante notar que o diabo insistia que eu olhasse para Jesus. Não se tratava de negar o Senhor, mas de não crer Nele. Eu poderia estar em Sua presença, poderia olhar para Ele, desde que não acreditasse nele, para Satanás, estava tudo bem. Perceba como o diabo arma as suas ciladas! Naquele momento,

quando eu duvidei em meu coração, o Senhor Jesus estendeu o braço em direção a Satanás. Sem olhar para ele. Como um vento rápido, num piscar de olhos, aquele ser maligno desapareceu da minha frente! A autoridade de Jesus é algo incrível. Sobretudo impressionante! Faltam-me palavras para descrever o poder, a autoridade e a majestade do Senhor. Seu semblante é meigo, sereno e de uma ternura, e um amor, inexplicável. Ao mesmo tempo, a sua autoridade, seu poder é igualmente inexplicável. Seu olhar como que atravessa a alma. Penetra nos olhos, discerne os pensamentos do coração. Eu soube, no momento em que Ele chegou e fitou os seus olhos em mim, que ele me via inteiramente. Eu não sei descrever essa cena com a precisão que gostaria. Não existem palavras para tal. Quando o Senhor te olha, Ele realmente te enxerga. Ele te vê por dentro. Sabe seus pensamentos. Sabe suas intenções. Ele te conhece. Não há como fugir daquele olhar.

Ele olhou para mim e disse:

- “Você está curada. Segura firme na minha mão e confia em mim”.

Frisou mais uma vez:

- “Segura firme na minha mão e confia em mim”. Os anjos cantaram durante todo aquele tempo. A luz permaneceu mais forte do que o olho humano poderia suportar por todo aquele tempo, minha família permaneceu lá durante todo aquele tempo e minha irmã ficou de mãos dadas com o Senhor o tempo todo também... Quanto tempo se passou? Não sei. Mas enquanto ele saía e os anjos e meus familiares o acompanhavam, ele olhou para trás, olhou para mim e disse pela terceira vez:

- “Não te esqueça. Segura firme na minha mão e confia em mim”.

Imediatamente a saída do Senhor, eu sentei em minha cama e comecei a chamar por minha mãe que dormia na cama

ao lado! Ela acordou assustada porque há muitas semanas que não me via lúcida, conversando e gesticulando daquela forma. Eu estava iluminada. Mais tarde minha mãe contou a meu pai que eu brilhava de tal forma que era quase impossível olhar para mim!

Chamaram os médicos, me submeteram a vários exames, mas não conseguiram mais encontrar evidências de epilepsia em mim. O médico não conseguia acreditar em seus próprios olhos, horas antes havia dito para meu pai que somente Deus poderia fazer alguma coisa e agora, constatava atônito pelos meus exames, meu súbito apetite (há semanas que não comia nada e era alimentada somente por líquidos), e em minha imensa alegria (não parava quieta. Queria conversar, caminhar, brincar!), que eu estava perfeitamente normal! Penso que aquele deve ter sido um testemunho e tanto para um homem que se dizia ateu... E foi assim, aos sete anos de idade, que fui curada de uma doença que não tinha cura, devolvida à vida pelo próprio Deus e chamada por Ele mesmo à Sua obra.

*A Serpente do Éden, a Jumenta
do profeta e as Galinhas do meu
Quintal...*

O Ataque de Satanás

Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. (1 Coríntios 1:27)

Saímos daquele hospital sentindo imensa gratidão a Deus e com a alma repleta de alegria! Eu voltava com meus pais e meu irmão para casa e contava a eles todas as coisas que o Senhor havia me dito naquela visão. Eles olhavam um para o outro e sorriam... Sabiam que era real. Aquela menina não era a mesma que eles levaram às pressas para o hospital há três semanas.

Em minha família as experiências sobrenaturais não são algo estranho ou duvidoso. Pelo contrário. Minha avó, mãe da minha mãe, que faleceu quando minha mãe ainda era criança, teve várias experiências com Jesus. Visões com Ele também. Minha mãe, no decorrer da vida dela, também teve visões com o Senhor. Só fui ter conhecimento disso, muitos anos mais tarde. Por algum motivo, o Senhor tem visitado as mulheres da minha família há várias gerações... Não tenho como explicar isso, nem muitas das coisas que vivenciei com Jesus no decorrer da minha vida. Talvez, se não fosse comigo mesma, se eu estivesse ouvindo isso de outra pessoa, eu tivesse dificuldade em acreditar... Talvez duvidasse... Não sei. Mas, como aconteceu comigo, foi real e eu sei perfeitamente que sou uma mulher lúcida e temente a Deus, não posso fazer mais nada a não ser glorificar Aquele que escolheu tão pequena e insignificante criatura como eu, para confundir os sábios... Glória e honra sejam dadas ao Senhor Jesus eternamente!

Os dias passavam depressa e eu me sentia arrebatada. Estava feliz. Estava em casa! Lembrava-me da visão com o Senhor e minha alma se aquecia de gratidão e amor... Até que numa determinada manhã, enquanto eu brincava sozinha no quintal nos fundos de casa, o primeiro ataque de Satanás aconteceu.

A primeira tentativa de roubar minha promessa estava prestes a acontecer... Poucos dias haviam se passado desde a visão e as promessas de Jesus. Ambos sabíamos Satanás e eu, que o Senhor haveria de realizar grandes coisas no futuro e que eu precisava permanecer segurando firme na mão de Jesus. O diabo estava lá, quando o Senhor me chamou para o ministério. Ele ouviu. Ele viu. O que eu não sabia e não estava preparada, era para o ataque que viria logo após.

Eu estava sentada em um pequeno banquinho de madeira, e brincava com um pedaço de arame em minhas mãos... Ao lado, não muito distante, ciscavam algumas galinhas, como de costume. Era o lugar onde minha mãe jogava o lixo orgânico da casa. Eu brincava a poucos metros de lá... De repente, ouvi vozes. Sim, vozes que vinham daquele grupo de aves! Olhava para aquilo e divertia-me poder ouvir o que elas diziam. Eu via galinhas e um galo conversando entre si e imediatamente me lembrei dos desenhos animados da televisão. Eu achava que aquilo era possível apenas em desenhos, (Anos depois, lendo e estudando a Bíblia, compreendendo o quanto também parece loucura a serpente falando no Éden, e a jumenta falando com o profeta, é que reuni coragem o suficiente para testemunhar essa experiência às pessoas) eu podia ouvir claramente aquelas aves falando umas com as outras e achei aquilo engraçado demais! Até o momento em que eu percebi que falavam a meu respeito. Sim, falaram o meu nome. Aquilo parecia surreal, mas eu não estava sonhando nem dormindo, estava acordada e vendo e ouvindo tudo aquilo. Ouvi o galo dizer que me deixaria cega. Que furaria os meus olhos e que eu jamais poderia enxergar novamente.

Uma grande torcida estava a favor dele. Enquanto eu olhava para aquela cena sem realmente poder acreditar no que estava acontecendo, aquela ave abriu as asas e veio em minha direção, numa velocidade tão grande que eu não consegui sequer me le-

vantar do banquinho. Não deu tempo. Levei ambas as mãos aos olhos, no impulso, motivada pela conversa que tinha acabado de ouvir. Lembrei-me que o objetivo era me deixar cega! Não deu tempo de mais nada, somente consegui cobrir os meus olhos. Aquele galo pulou sobre meu colo e como um animal possuído começou a bicar o meu rosto furiosamente, tentando encontrar meus olhos por entre os dedos das minhas pequenas mãos. Eu gritava desesperadamente. O sangue jorrava! De alguma forma, Deus me deu forças e eu consegui levantar e correr. Mas com as mãos cobrindo os meus olhos e aquela ave imensa sobre meu peito, caí em terra, sobre algumas pedras, ensanguentada e com as mãos na face. O galo continuava me bicando. Desta vez sobre meus ombros, tentava alcançar meus olhos tanto por um lado quanto pelo outro da minha cabeça.

Minha mãe chegou às pressas, ouviu os meus gritos de longe, tentou com todas as suas forças tirar aquela ave de cima de mim, mas não conseguiu. Meu rosto estava todo ensanguentado o sangue escorria pelo meu rosto, braços e mãos, quando finalmente mamãe conseguiu tirar aquela ave de cima de mim. Ela disse mais tarde que o animal parecia estar endemoniado. Possuído de tamanha força que era impossível removê-lo de sobre os meus ombros. Sei que parece surreal o que relatei aqui, e francamente me debati com essa questão e pensei muito se de fato deveria publicá-la. Sei que muitos acharão loucura, mas eu não posso omitir o milagre que foi aquele livramento do Senhor, somente para deixar o leitor confortável.

Deus abriu os meus ouvidos e eu fui avisada pelo Espírito Santo, testemunhei aquele plano de Satanás contra a minha vida e pude me defender. Assim como uma serpente falando no paraíso com Eva também é surreal para muitos, no entanto é verdade. E assim como a jumenta de Balaão também falou com ele e por causa daquele animal, Balaão teve sua vida poupada,

da mesma forma eu também ouvi aquelas aves falando e o plano de Satanás não se cumpriu. Se eu tivesse ficado cega, morando no interior, numa época onde a tecnologia ainda não era essa que temos hoje, certamente não teria conseguido cumprir os propósitos de Deus para a minha vida. Isso aconteceu no ano de 1984. Muitos anos depois, minha primeira formação após o ensino médio, seria um curso técnico em radiologia médica. Cega, eu não teria conseguido me formar e trabalhar nessa área, entre muitas outras coisas que eu também não teria conseguido realizar se estivesse privada da minha visão...

Com meu rosto ensanguentado e inchado, o osso nasal exposto, minha mãe me levou para dentro de nossa casa. Deitei na cama de meus pais sentindo muita dor. Não havia médico por perto, meu pai não estava em casa, e aquele osso aparecendo deixou minha mãe apavorada. Uma vizinha que ouviu os meus gritos veio correndo, juntas elas limpavam meu rosto, mãos e braços ensanguentados. Não tinha remédio, apenas chá. Cuidadosamente colocaram a ponta do meu nariz, que estava pendurado por uma pele bem fina, de volta no lugar, sobre o osso e passaram banha de porco no ferimento. Naquela época as pessoas do interior acreditavam que banha era cicatrizante... Se você olhar para o meu rosto bem de perto, vai ver uma cicatriz que atravessa o meu nariz, de um lado ao outro. Essa é a marca que trago em meu corpo do primeiro embate que tive com Satanás.

Uma Perda Repentina...

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor. (1 Coríntios 13:13)



Eu já estava com 9 anos e aparentemente, tudo ia bem. Meu irmão e eu formávamos uma dupla imbatível. Parceiros de grandes aventuras. Aventuras que já duram décadas. Graças a Deus meu irmão é um presente dos Céus em minha vida! Sou muito grata ao Senhor por ele. Também sou grata a ele por tudo o que ele já fez por mim.

Como eu estava dizendo... Aparentemente tudo ia bem... Meu pai havia assumido uma igreja em outro Estado do Brasil e nós nos mudamos pela primeira vez, para longe da família. Meus avós, que eu amava profundamente, ficaram.

Nós os víamos nas férias e em feriados prolongados. O que obviamente é pouco para uma criança acostumada a ver seus avós todos os finais de semana. Numa madrugada fria, minha mãe teve uma visão com Jesus e a vovó, mãe dela.

Jesus e vovó vieram conversar com minha mãe, falar sobre as escolhas que ela havia feito no passado e decisões que teria que tomar no futuro. Assim como Moisés e Elias vieram consolar Jesus no Monte das Oliveiras, Jesus e minha avó vieram conversar com minha mãe naquela noite. Falaram também sobre a morte do vovô e o que ela deveria fazer com a herança que receberia e deixaria para os filhos. Jesus mostrou para a minha mãe uma visão do futuro, onde eu já adulta, me parecia muito com a vovó... Conversaram durante duas horas aproximadamente. Quando o Senhor e a vovó foram embora, o telefone tocou. Eram cinco horas da manhã. Minha mãe foi atender. Do outro lado da linha, a voz do meu tio. Triste, pesaroso, deu a notícia: “Nosso pai morreu”. Mas mamãe já sabia. Jesus lhe tinha avisado.

Viajamos durante horas, chegamos durante o velório. Lá estava eu, novamente, em frente ao caixão de alguém que amava

imensamente. Meu avô representava para mim, um porto seguro. Eu o amava...

Lembro de uma vez, eu tinha uns seis anos na época, e estava de férias na casa dos meus avós. Dormi com eles e fiz xixi na cama deles! Sim, eu fui uma menina que fiz xixi na cama durante toda a minha infância. (Se um dia me encontrar pessoalmente, finja não saber disso), E na manhã seguinte, (numa manhã ensolarada, a propósito) me deparei com o meu avô tentando me convencer de que havia chovido a noite toda e que uma telha quebrada era a causa da cama molhada! Tenho certeza de que meu avô percebeu minha incredulidade. Ele praticamente representou uma peça naquele dia. Disse que a chuva havia molhado a cama, que tinha chovido a noite toda e que ele trocaria aquela telha. Eu estava imensamente envergonhada. Não queria ter molhado a cama dos meus avós. Mas meu avô parecia estar convencido de que a culpada não era eu. Pegou uma escada de madeira, apoiou-a no telhado, subiu e gritou para a minha avó:

- Eu sabia! Tem uma telha quebrada aqui e está exatamente em cima da nossa cama! Que chuva! Eu vou trocar essa telha agora mesmo! - Ele desceu da escada, foi buscar outra telha, subiu novamente, trocou-a e disse - Pronto! Resolvido o problema!

Ele foi tão convincente que eu mesma acreditei que não era a responsável por todo aquele estrago. Talvez eu tivesse feito um pouquinho de xixi, talvez nem tivesse feito mesmo! Vai saber? Fato é que a chuva daquela madrugada foi a culpada pelo colchão molhado na cama dos meus avós. Se não fosse aquela telha, nada disso teria acontecido... Confesso que fiquei um pouco desconfiada porque somente o meu pijama estava molhado. Mas meu avô me garantiu que o pijama dele também estava.

Também há em minhas recordações, outro momento tenso na casa dos meus avós. Tenso para mim, claro. Mas de grande valor sentimental, confesso. Eu estava na cama ainda (Na

minha), quando numa fria manhã de inverno, a minha avó me chamou para buscar a minha mamadeira na cozinha. Acho que eu tinha uns sete anos talvez (não me julgue pela mamadeira, ok?! Respeite meu desabafo). Como estava frio, corri até a mesa da cozinha e peguei a mamadeira que estava sobre ela, com a intenção de voltar para debaixo das cobertas. Só que, ao recolher o braço, meu cotovelo esbarrou no rádio do meu avô! O rádio caiu no chão e quebrou em dezenas de pedaços! Eu fiquei gelada! Sabia que iria ter um castigo muito severo para esse desastre! O rádio do meu avô era uma relíquia para ele e francamente, não me lembro do meu avô sem aquele rádio por perto!

Corri o mais rápido que eu pude de volta para o quarto, virei a chave na porta e me certifiquei de que a janela estava trancada. De lá eu só sairia quando fosse maior de idade! Eu ouvi passos... Alguém se aproximava... Escutei com atenção... Ouvi a voz da minha avó me pedindo para sair. Ela pediu, implorou, implorou mais ainda... Eu me recusava a sair. Sabia que se saísse, provavelmente levaria uma surra histórica. Horas depois, vovó ainda insistia para que eu saísse do quarto. Depois de me garantir de que meu avô não me castigaria. Abri a porta. Vagarosamente, me dirigi à varanda da frente. Meu avô estava sentado na escada, com algo no colo... Aproximei-me bem lentamente, se meu avô fizesse um gesto brusco em minha direção, eu dispararia de lá em direção ao meu quarto, mais rápido do que um raio!

Cheguei perto, bem perto mesmo. Ele mexia em algo... Oh não! Era o rádio! Ele estava tentando consertar o rádio! Sentia vergonha e culpa pelo que fiz. Foi um acidente, mas ainda assim, eu era a responsável. Imersa em meus pensamentos autopunitivos, mal consegui ouvir o que ele dizia. – O que foi vovó?

– Estava lhe dizendo que o rádio vai ficar melhor do que antes.

- Sério vovô? – Olhei desconfiada para aquela pequena caixa rachada no colo dele...

- Sério sim! Você fez um grande favor para mim, derrubando aquele rádio. Ele precisava mesmo ser desmontado e montado outra vez. Ficou como novo! Veja!

Vovô ligou o rádio para fazer a demonstração. Uma música entrecortada por ruídos e chiados preencheu o ambiente. Estava horrível!

- Ouça! – Dizia ele – Está melhor do que antes!

- Não está não vovô.

- Claro que está! Você não percebe? Ficou uma maravilha!

Ele tentou me convencer de que o seu rádio estava melhor do que quando era novo. Eu tinha certeza de que não. Mas ele insistiu tanto... Discretamente virei para a minha avó ao lado e disse a ela que o barulho rouco que saía daquela caixa que um dia foi um rádio, certamente estava longe de ser perfeito. Ela cochichou em meu ouvido que o vovô era um pouco surdo e que para ele, aquele som estava ótimo! Fiquei com pena do meu avô. Será que esse problema de audição dele era muito grave?

Hoje, ao escrever estas linhas, tenho certeza de que meu avô nunca teve problemas de audição. Fazia parte do plano deles, para me redimir, me aliviar da culpa e da vergonha, esconder os meus pecados de mim mesma...

Aquele corpo no caixão era dele. Desse avô que fazia de tudo para me absolver dos meus erros. Ele nunca me puniu. Não deixava que eu me sentisse culpada ou envergonhada. Pelo contrário! Na opinião dele, eu era perfeita. Lembro-me de quando ele me colocava no colo e mostrava as gravuras de certo livro. Lá, estava desenhado o coração do homem. Um homem mau tinha o coração todo escuro repleto de animais peçonhentos... Mas quando esse mesmo homem aceitava Jesus, ele se tornava bom. Os Anjos vinham e limpavam seu coração. Mas era pre-

ciso vigiar para que não voltasse a cair no pecado. Senão, aos poucos, o coração poderia se tornar sujo novamente. Eu via esse livro e ficava impressionada com o coração sujo e também com o coração limpo. Gostava do trabalho dos anjos e do homem que tinha uma vida reta diante de Deus. Meu avô sempre me dizia – “Procure sempre ter um coração limpo” – e lá estava ele, meu mentor, meu professor, aquele que me absolvía das minhas culpas... Inerte naquele caixão. Eu não o veria mais.

O cortejo foi grande, porque ele era um homem conhecido naquela região... O Vazio que se instalou na casa dos meus avós, naquela noite, também era grande. Só não era maior do que o vazio que eu via nos olhos da minha avó e o vazio que eu sentia em meu coração. Eu sentiria falta dele. Muita falta...

E a Vida Continua...

Desde os confins da terra eu clamo a ti com o coração abatido; põe-me a salvo na rocha mais alta do que eu. (Salmos 61:2)



Os anos passaram voando e rapidamente me tornei adolescente. Eu continuava amando os livros. Já não morávamos mais longe da família. Depois da morte do meu avô, meses depois, retornamos para nossa terra...

Eu sempre gostei da escola. Amo aprender coisas novas. No sexto ano, já sabia que queria trabalhar com pessoas. Queria escrever e queria ter um consultório. Dizia aos meus professores que faria psicologia quando crescesse... Os livros eram um vício para mim. Quando mudei de uma escola pequena para outra muito maior, ler todos os livros que encontrava pela frente era meu maior objetivo! Eu lia vários por semana. Sempre tinha livros em minha mochila. Dois, três ou mais... Aqueles anos de ensino fundamental foram maravilhosos. Foi nessa época que comecei a escrever peças de teatro. Os professores me incentivavam e eu recebia um apoio imenso de todos para deixar fluir toda aquela arte que corria em minhas veias! Escrevia peças onde meus colegas atuavam. Escrevia peças onde eu atuava, escrevia peças para poucos ou para muitos. Mas escrever era minha grande paixão!

Certo dia eu adoeci. Catapora. Precisei ficar em casa. Nada de escola, nada de livros. Ficar presa em meu quarto por uma semana inteira, aquilo seria uma tortura cruel para uma menina de 12 anos! Numa tarde chuvosa, minha prima foi me visitar. E o que trazia consigo? Sim! Livros! Vários livros! Nunca me esquecerei dessa ação maravilhosa dos meus colegas! Vários deles, foram à biblioteca, retiraram um livro em nome deles e enviaram para mim, para que eu pudesse lê-los. Minha prima deixou comigo, duas ou três pilhas de livros que foram um bálsamo para mim. Não consigo me lembrar de outra época onde

uma doença tenha sido algo tão positivo em minha vida! Minha mãe trazia o café da manhã, o almoço, lanche e jantar no quarto. Era inverno, então o chocolate quente era de longe, meu mimo preferido. Consegue visualizar a cena? Saboreando meu chocolate quente, lendo um livro e vários outros empilhados ao lado da cama? Possivelmente você tenha outra descrição do paraíso, mas aquela era para mim, uma descrição bem próxima. Exceto claro, pelas bolinhas pretas espalhadas pelo corpo todo! Quando me olhava no espelho e via aquelas verrugas gigantes comprometendo o que era sem sombra de dúvida a beleza encantadora de uma jovem e promissora escritora, minha alma se abatia em mim. Sim, se abatia. Voltava para os meus livros o mais rápido que podia. Mamãe dizia que eu ficaria bem e eu acreditava nela. Nunca mentiu, porque mentiria agora? Melhor confiar e sossegar... Continuar lendo e tomando meu chocolate quente. Como diz o povo – pensei – “Nada como um dia após o outro”.

Sonhos Adolescentes...

Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós, (Efésios 3:20)



Era inverno, e pela primeira vez, haveria na escola um festival da canção! Que maravilha, pensei. Começamos todos a ensaiar! Havia solos, duplas e trios apresentando as suas pérolas... Longas horas de ensaios. Todos queriam ganhar! Ensaiávamos na van escolar, nos intervalos e durante algumas das aulas que os professores solidários permitiam ensaiar. Escolhi uma música que na época era tema de uma novela e eu achava linda. Parecia que tinha sido feita para mim. Além dessa música, ensaiava ainda outra, que iria apresentar com minha prima, música sertaneja dessas boas de cantar...

Havia alguns meninos que cantavam bem. Meninas também. Mas eu queria ganhar. Sentia que tinha chances de ganhar... Tanto sozinha quanto na música que apresentaríamos minha prima e eu.

Amanheceu chovendo naquele dia. Eu estava com uma blusa de lã verde, calça preta e botas de cano longo, pretas também... Sentia-me como uma cantora famosa. Digna da capa de algum disco (Sim, na época havia discos, Lp's, ok)! Continuando... Chegamos ao local do evento, eu e meus colegas. O local estava lotado de pessoas. Bateu tensão! Bateu estresse! Uma coisa é você cantar para seus colegas e professores que vê todos os dias em sala de aula, outra bem diferente, cantar para uma multidão no maracanã! Ok, não era o Maracanã. Ok, também não era uma multidão! Mas, parecia!

Meus colegas subiram ao palco e se apresentaram brilhantemente! Era minha vez. Cantei. Na sequência minha prima e eu. Cantamos. Minutos que transcorriam lentamente... Jurdos avaliando... O coração parecia que saltaria pela boca. Uma eternidade depois, nos chamaram para anunciar os vencedores e

entregar os prêmios. Venci o primeiro lugar e minha prima e eu, ficamos em segundo. Foi uma tarde maravilhosa! Recebemos os aplausos, e muitos vieram nos abraçar. Ficamos famosas na escola. Talvez pudéssemos pensar numa carreira artística agora? Quem sabe, poderíamos gravar um disco, e construir uma carreira como cantoras? Seria ótimo! Só precisávamos pensar num bom nome para uma dupla de sucesso...

Hoje olho para essas experiências e acho graça, de quanta ingenuidade, quanta inocência havia naqueles anos...

Graças a Deus, minha carreira de cantora não decolou. Vejo hoje tantos talentos que começaram cantando na igreja e acabaram nos palcos do mundo, glorificando Satanás. Começaram bem, mas terminaram mal. Por mais que fosse um simples festival da canção na escola. Aquela tarefa escolar poderia ter sido uma pedra de tropeço para mim... Mas o Senhor não permitiu que a vaidade se instalasse em meu coração. Agradeço a Deus por isso.

Ainda Sonhando...

Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês', diz o Senhor, 'planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro. (Jeremias 29:11)



Eu tinha 14 anos e tinha me tornado uma adolescente esbelta. Alta, magra e bonita. As pessoas diziam: - “Você deveria desfilhar”. Então, quando anunciaram que teria o primeiro desfile da escolha da Rainha do município... Lá estava eu. Seria o primeiro desfile do meu distrito. As pessoas me diziam que eu deveria participar. Que tinha potencial. Que tinha altura e tal... E lá fui eu, me inscrever. Escolheriam uma representante que mais tarde iria concorrer com várias outras meninas pelo título de rainha do município. Aquele não era o meu mundo. Mas eu achava que seria capaz de andar na beirada do precipício, sem cair...

Aulas de passarela eram necessárias. Várias meninas se inscreveram. Era necessário aprender a caminhar na passarela, não cair lá de cima, óbvio! E pode parecer fácil, mas de salto alto, numa passarela estreita, em meio a uma luz difusa, pessoas gritando, aplaudindo e chamando a atenção... Manter o equilíbrio requeria no mínimo, certa técnica.

Aprendi a caminhar colocando um pé em frente ao outro, ao mesmo tempo em que olhava para frente. Não se podia olhar para o chão enquanto se caminhava! Hoje, lembrando aquela época, acho que foi bem interessante. Experiências vividas, bagagem adquirida... Aprendi com cada uma delas. Mas sinceramente? Não me acrescentaram nada... Foi extremamente desgastante. Era preciso ter um vestido bonito, um penteado bonito, uma sobancelha bonita, unhas bonitas, sapatos bonitos e essas coisas todas além de caras, cansam também.

Mas, para resumir o enredo. Sim, ganhei aquele concurso. Fui eleita moça mais bonita do meu distrito. A Rainha. Sentia-me feliz, claro! Mas ainda havia um longo caminho pela frente

e disputar com outras meninas por títulos de beleza não estava entre as minhas prioridades. No fundo do meu coração, eu sentia que não era de Deus. Apesar dos meus pais permitirem que eu tivesse a experiência de desfilar, afinal, eu insisti! Eles sempre deixaram claro que a minha conduta nas passarelas deveria ser de santidade. Quando fui disputar o título de rainha do município, os jurados foram comprados, o título já estava definido para quem seria e eu estava lá apenas para cumprir com todas as outras meninas o protocolo do evento. Pois quem ganharia, desde o início já sabíamos todas, seria a moça que alguém importante decidiu agraciar com a faixa. E assim, bem cedo aprendi, que em concurso de beleza tinha muita politicagem e a beleza dependia de quem olhava e escolhia... Um mundo onde a inteligência nem sempre era fator determinante, não servia para mim. Foi uma experiência válida, com certeza.

Depois disso, desfilei mais algumas vezes, ganhei e perdi. Mas esse mundo das beldades não me seduziu. Graças a Deus! E bem jovem ainda, com 15 anos apenas, decidi que queria algo para mim, que tivesse tudo a ver com pensamentos, sentimentos, consciência e fé. Sempre dei mais valor ao pensamento, as reflexões e a minha caminhada com Deus do que para qualquer outra coisa na vida. O interior para mim, sempre importou mais do que o exterior. Não dedicaria a minha vida a algo que com o tempo, acabaria. Não senti culpa nenhuma de abdicar daquela vida. O mundo das passarelas não conseguiu criar raízes dentro de mim. Foi bacana. Mas não queria isso para minha vida. Segui meus estudos em paz com minhas escolhas. Ser julgada o tempo todo pela minha aparência, não era algo que me faria feliz. Hoje percebo quanta maturidade já havia em mim. Deparo-me frequentemente com meninas que desejam a fama mais do que tudo na vida. E que fariam qualquer coisa para estar numa passarela. No entanto, eu, tão jovem ainda e já com títulos, pode-

ria ter optado por esse caminho, mas não o quis porque tive a percepção de que ele não me faria feliz. E que aquela não era a vontade de Deus para minha vida.

Sou grata a meus pais que me permitiram viver essas experiências na vida. Grata porque me permitiram sonhar, tentar e identificar aquilo que eu queria e aquilo que eu não queria para mim. As Passarelas passaram por mim e eu passei por elas. Ficaram no passado, assim como a música, que no festival da canção seguinte, descobri que não me atraía tanto assim. Mas os livros, as letras, os papéis e a escrita, esses não passavam por mim nem eu passava por eles. Tinham lugar cativo em meu coração! Era o Sussurro do Espírito Santo dentro de mim, me atraindo para os projetos de Deus... E assim segui a vida, lendo e escrevendo...

Mais perdas Repentinas...

Deus é o nosso refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade. (Salmo 46:1)



Morávamos no interior e naquela época estudar, era difícil. Então, meus pais me colocaram num pensionato para moças, na cidade, e lá fui eu, depois de concluir o ensino fundamental, fazer o ensino médio...

Uma vez por mês, voltava para casa, visitar meus pais e meu irmão. Eu sentia muitas saudades. Especialmente da minha mãe. Ela era minha melhor amiga. A pessoa que eu mais amava no mundo. Eu era muito apegada a ela. Claro que meu pai e meu irmão também tinham seu lugar em meu coração. Mas minha mãe era meu tudo, se é que posso dizer assim.

Naquele ano, houve eleições e o governador do Estado tinha assumido o governo no início daquele ano. Era o ano de 1994... Em julho eu estaria de férias. Teria uma semana de férias. Férias de inverno. Mas aquele governador, por algum motivo, decidiu dar um mês de férias às escolas naquele ano. Eu estudava numa escola estadual e quando chegou o último dia de mês de junho, eu estava radiante! Passaria um mês inteirinho, trinta dias, em casa, com meus pais e meu irmão! Eu estava eufórica!

Quando cheguei à casa de meus pais, me senti tão feliz. Tão alegre de pode passar, não apenas uma, mas quatro semanas em casa! Mal podia acreditar em tamanha bênção! Os dias passaram voando e minha mãe e eu nunca havíamos passado tanto tempo juntas, conversando! Falávamos sobre tudo e sobre todos! Sua vida, sua infância, suas escolhas... Os familiares que ela amava. Ela me contou a vida e as histórias de tios, tias, primos e primas. Ficávamos horas acordadas durante a noite de conversa, como duas adolescentes, tentando aproveitar ao máximo o tempo juntas!

Lembro-me de olhar para ela e pensar certo dia, o quan-

to eu a amava. O quanto ela era especial e que eu seria capaz de fazer qualquer coisa por ela. As quatro semanas rapidamente chegaram ao fim e aquele era o último final de semana que eu passaria em casa, com minha família. Viajaria na segunda - feira e só retornaria para casa novamente, em 30 dias. Eu havia sido convidada para um casamento. Naquela tarde, tarde de um sábado. O último sábado do mês de julho, vesti um vestido verde de tafetá, todo bordado de lantejoulas por minha mãe. Ela passou noites em claro para bordar aquele vestido... Enquanto ela abotoava as minhas luvas ela disse. Eu também ri. Claro que lhe contaria tudo! Sempre contava!

– Quando você chegar, conte-me tudo. Quero saber tudo!
– e riu. Eu também ri. Claro que lhe contaria tudo!

Meus primos chegaram. Iríamos juntos ao casamento. Ela já havia entrado na casa quando sentei no banco da frente do carro. Olhei para trás, para a janela da sala, de onde eu sabia que ela estava me olhando. Sorri. Eu me sentia linda com o vestido verde que ela bordou para mim. Ela também sorriu. Nós tínhamos algo especial. Bastava um olhar, um sorriso para que soubéssemos o que a outra estava sentindo ou querendo dizer. Era mágico. Nossa relação de mãe e filha era única.

Fui ao casamento...

Quando voltei, já era madrugada. De longe já conseguia identificar a nossa casa. As luzes estavam acesas. Todas as luzes. Luz demais para àquela hora da noite, pensei. Quando nos aproximamos, havia carros e pessoas para todos os lados. Vizinhos, amigos, familiares... O que faziam lá?

Uma vizinha chegou dizendo que levaram minha mãe às pressas ao hospital. Soube mais tarde que o Infarto havia sido fulminante. Aos 36 anos a minha mãe deixou este mundo, marido e dois filhos.

Perdi a minha melhor amiga, minha maior torcedora, in-

centivadora, confidente, minha referência, o grande amor da minha vida, minha mãe, aos dezessete anos de idade. De repente tudo ficou escuro, as nuvens estavam negras no céu, o temporal ameaçava desabar sobre a minha vida, dava para ouvir o vento cada vez mais forte balançando as estruturas da minha alma... Um furacão passou por dentro de mim e varreu tudo que estava em pé... Foi o pior dia da minha vida. O dia que perdi minha mãe... Nunca mais veria seus lindos olhos azuis brilhando de alegria. Nunca mais veria aquele lindo sorriso em seu rosto. Nunca mais sentiria o toque de suas mãos. Não teria mais o seu abraço, seu carinho, sua presença. Nunca mais teria minha mãe...

A casa ficou vazia. A vida ficou vazia...

No dia seguinte, um cortejo imenso como ninguém nunca havia visto. Um mar de gente foi se despedir da minha mãe. A doce, bela e encantadora Estela Lucia, ela se foi... E junto com ela, um grande pedaço de mim...

O Difícil Caminho do Recomeço...

Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus. Filipenses 3:13-14

Durante algum tempo, minha vida parou. Assim como o coração no peito da minha mãe. A vida demorou a entrar nos eixos outra vez...

Meses depois da morte da minha mãe, saí de casa outra vez. Precisava continuar os estudos. Precisava prosseguir...

Não suportava mais ficar em casa. Às vezes, lembrava-me de algo que queria contar a minha mãe, e saía em direção ao quarto dela, abria a porta como sempre fazia, mas sua cadeira de balanço estava vazia. Ela não estava mais lá para ouvir. Tantas vezes fiz aquele percurso, da cozinha para seu quarto, entusiasmada com alguma novidade que queria compartilhar. E a encontrava lendo sua Bíblia, ou ouvindo alguma música em seu pequeno rádio, ou ajoelhada perto da cama, orando... Quando me dava conta de que ela não estava mais ali, a dor dilacerava minha alma. Muitas vezes chorei e implorei por sua presença a Deus...

Às vezes, colocava quatro pratos à mesa, somente para me lembrar, na hora de sentar, de que ela não viria mais compartilhar uma refeição conosco. Não há dor mais atroz do que perder alguém que se ama para a morte...

Era preciso recomeçar. Voltar novamente ao lugar onde havia abandonado a minha vida, há quase um ano atrás, e dar continuidade aos planos e sonhos que tive um dia. Só que desta vez, sem a torcida dela, sem seu amor, seu carinho, apoio, e presença. Sentia-me só. Deus Havia me abandonado...

Meu irmão e eu nos tornamos mais amigos do que nunca. Tentamos segurar a barra um do outro. Um com outro. Fui para ele uma âncora. Também ele foi para mim. Os anos passaram. Deixamos a adolescência para trás. Nosso pai certamente sentia

falta dela, assim como nós... Também ele precisou encontrar forças e uma forma de prosseguir... Destruídos, mutilados, prosseguimos cada um o seu caminho. Ora juntos, ora afastados, tentamos da melhor forma possível, continuar a caminhada...

Uma fase ruim...

*Tudo posso naquele que me fortalece. (Filipenses
4:13)*



Na cidade outra vez, as coisas ficaram bem ruins. Tentei conseguir emprego. Como minha mãe havia morrido meu pai não conseguiria mais me manter somente estudando... Precisava trabalhar. Mas, uma menina ingênua, jovem e bonita, procurando emprego numa cidade grande, encontraria muitas propostas ruins e muitos caminhos errados para percorrer. Se não fosse Deus e a sua bondade para comigo, possivelmente teria me metido em encrencas. Mas eu tinha uma forte convicção dentro de mim. Minha mãe teria orgulho do que ela havia me ensinado. Mesmo lá do céu, ela olharia para mim e sentiria orgulho por todas as lições que havia me passado e que eu honraria uma a uma. E foi assim, orando e pedindo ajuda a Deus, sem me perder numa estrada cheia de possibilidades de desvios e rotas perigosas que me vi certo dia sendo “adotada” por um amável casal sem filhos, que me convidou para morar com eles. Nessa e em tantas outras ocasiões pude sentir o cuidado e o amor de Deus comigo. Esse casal maravilhoso e outro casal, amigos deles, eram para mim como pais e mães que me cercavam de carinho e de cuidados. Quero deixar aqui, registrado meu imenso amor e gratidão para com meus amigos, Sadi e Tere, Paulo e Sivonei. Dois casais que me são muito preciosos e pelos quais tenho uma dívida eterna e impagável de gratidão. Amo vocês!

Posso afirmar que, a fé em Deus vai lhe fortalecer quando você estiver caminhando pelo vale da sombra da morte. Posso afirmar que, mesmo que você se sinta perdido, cansado e sem esperanças, Deus é um Deus que move o mundo, sim, as montanhas para te cercar de cuidados e proteção. Devo ao Senhor as pessoas maravilhosas que ele colocou em minha vida. Pessoas que foram para mim como abraços da minha mãe... Pessoas que

me acolheram me amaram e protegeram em um período da minha vida, onde parecia que o frio e a tristeza permaneceriam em minha alma para todo sempre...

Um Amigo pra Vida Toda...

Pois o Senhor, o seu Deus, os acompanhará e lutará por vocês contra os seus inimigos, para dar a vitória a vocês'. Deuteronômio 20:4



Encontrei muitas pessoas boas que me ajudaram a caminhar. Pessoas a quem devo gratidão eterna. Entre elas, está alguém que amo de todo o meu coração. Meu irmão Itamar. Ele foi e continua sendo para mim, mais do que um irmão. Um amigo para a vida toda. Quando Deus me deu esse irmão, no dia do meu aniversário de três anos, Ele realmente sabia o que estava fazendo. Do meu irmão recebi apoio, recebi carinho, recebi incentivo e força. Meu irmão sempre acreditou em mim. Sempre vibrou por mim. Sempre esteve e está ao meu lado. Junto para o que der e vier. Sei que posso contar com ele para qualquer coisa. Qualquer apuro, qualquer problema, ele estará ali, para me ajudar.

Estudamos juntos. Fizemos faculdade na mesma Universidade. Moramos juntos. Saímos, nos divertimos, choramos e rimos. Andávamos de moto para espairecer... “Moto terapia”... Passamos em concursos públicos, fizemos planos e projetos... Vivemos uma vida intensa e imensa. Tínhamos vinte anos...

Já se passaram quase duas décadas desde aquela época. Mas foram anos maravilhosos aqueles anos. Anos de cura. Anos de conquistas. Anos felizes. Hoje, quando conversamos a respeito daquela época, rimos ao lembrar o quanto éramos ingênuos. Jovens e inocentes. Relembramos aquela época com carinho... Foram anos muito bons...

Tenho em meu coração, lembranças maravilhosas das nossas conversas, dos nossos passeios e nossas piadas. Sempre rimos muito. Ambos somos como palhaços. Divertimo-nos muito quando estamos juntos. Fazemos piadas de tudo e rimos de coisas que somente nós achamos engraçadas... Temos um senso de humor que acredito, seja incompreensível para muita gente. Conseguimos rir de coisas que acontecem e outras imaginárias... E apesar dos anos ainda rimos do mesmo jeito que ríamos naquela época... É bom ter você cara! Te amo!

Uma história da infância...

“Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles” (Provérbios 22.6)



Ele sempre foi a parte serena e equilibrada da dupla. Já eu, era a parte agitada e nada equilibrada de nós dois! Pode apostar que, se estávamos aprontando alguma coisa... A ideia tinha sido minha. Ele, amigão, entrava junto por amor, amizade e parceria. Mas o “cérebro” do crime era eu. A mandante. Vergonha imensa relatar isso aqui. Mas, Assim como o apóstolo Pedro, vou confessar meus pecados publicamente.

Certo dia eu tive a ideia de vender jornais velhos para os vizinhos. Era por uma boa causa... Reformar a igreja. Mentira minha. A igreja estava em perfeitas condições e nós queríamos comprar balas. Mas, eu era a irmã mais velha. Tinha que dar um jeito! Se você sabe o quanto crianças gostam de balas, certamente pode imaginar o que elas são capazes de fazer para conseguí-las. Os vizinhos riam da nossa inocência, colaboravam com nosso golpe e contribuía com alguns centavos que imediatamente depois, se transformavam em doces para mim e meu irmão.

Tudo ia bem e os negócios cresciam de vento em popa, até que um belo dia (Péssimo dia), Nossa mãe descobriu, de uma forma que só as mães descobrem... (nos seguindo), que nós estávamos aplicando um golpe nos bons cristãos, nossos vizinhos. Após confessar a duras penas que sim, nós mentimos um pouquinho, enganamos um pouquinho e nos beneficiamos só um pouquinho da boa fé da vizinhança... Fomos obrigados a ir de porta em porta, pedir desculpas e contar a verdade! Vergonha máxima! Humilhação pública! Ainda tivemos que devolver o dinheiro recebido, que aquela altura, já tinha sido gasto com doces, portanto, foi tomado das nossas mesadas, que receberíamos no futuro, e pelos próximos seis meses, não teríamos mais, para reembolsar os nossos vizinhos, pobres lesados pela nossa ganância por doces!

Aprendemos a lição. Nunca mais enganamos, nem mentimos, nem vendemos jornais velhos para ninguém. Alguém já disse que o crime não compensa e nós descobrimos isso bem cedo. Posso lhe afirmar que não existe autoridade policial nem juiz mais severo do que uma mãe cristã. Nossa ânsia por doces diminuiu bastante naquela época, e até hoje, permanece controlada.

Depois disso, tivemos outras aventuras... Brincávamos em casas ainda em construção, Pulávamos do segundo piso só para provar a nós mesmos que não era mortal, aprendemos truques para mágicos que não acabaram bem, tentamos fazer uma fogueira num galpão velho que poderia ter pegado fogo, se meu pai não chegasse a tempo de impedir... Enfim, uma infância feliz, saudável e normal.

Geralmente quem se dava mal, era eu. Quando nosso pai perguntava de quem tinha sido a ideia... Tenho certeza de que meu irmão não tinha a intenção de olhar para mim... Mas olhava... E aquele olhar comprometia toda a argumentação que eu pretendia fazer... Para alívio meu, porque sofrer junto é sempre melhor, papai castigava os dois. E assim, por algum tempo, andar de bicicleta era o bastante.

Vou pular direto para minha vida adulta porque tenho certeza de que vou me comprometer se continuar com os relatos da nossa infância... Brincadeiras a parte, tivemos uma infância maravilhosa. Meus pais souberam semear em nossos corações valores eternos. Eles nos ensinaram a ter caráter, respeito, falar a verdade, ter temor do Senhor e nos corrigiram como a Bíblia manda. Só pra constar.

Continuando...

O que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. (1 João 5:4)



Eu havia terminado o ensino médio e não havia recursos para fazer um curso superior. Meu irmão que havia passado no concurso para a Força Aérea me propôs ir morar com ele, em outra cidade, onde ele estava servindo, e pagaria para mim, o curso técnico que eu escolhesse.

Jesus já havia dito que meu irmão me ajudaria bastante e foi exatamente isso que aconteceu. Fiz o Curso em radiologia médica e antes mesmo de me formar, já comecei a fazer vários estágios não remunerados e capacitações em todas as áreas da radiologia. Eu realmente queria conseguir um emprego após me formar para poder dar continuidade aos meus estudos e fazer meu tão sonhado curso superior.

Em Três anos estava formada e devidamente especializada em todas as áreas da radiologia. Fiz especialização em mamografia, radioterapia, medicina nuclear, tomografia, ressonância magnética, densitometria. Munida de um belo currículo, bati de porta em porta procurando uma oportunidade para trabalhar. Ela não veio...

Um ano depois, meu irmão decidiu sair da força Aérea para prestar concurso para o Exército. Passou e foi para o Rio de Janeiro. Ficamos vários meses longe um do outro. Eu continuava no Rio Grande do Sul, tentando me colocar no mercado de trabalho, e ele, estudando para se formar e dar continuidade a sua carreira militar.

Quando meu irmão se formou, foi para uma cidade no Centro-Oeste do País. Novamente me estendeu a mão. Convidou-me para morar com ele e tentar uma vaga nas inúmeras clínicas e hospitais da sua cidade. E foi o que eu fiz. Durante mais alguns meses, levei currículos para todos os lugares onde se

realizava algum tipo de exame radiológico. Eu precisava trabalhar. Nenhuma porta se abriu para mim. Todas fecharam.

Eu conversava com Deus e não entendia o que estava acontecendo. Eu tinha um ótimo currículo. Um dia, comentei com meu irmão que estava desanimada e que voltaria para o Sul do Brasil. Não estava conseguindo colocação no mercado de trabalho e minha frustração já estava tomando conta de mim...

Retornei ao Sul e minha peregrinação em busca de um trabalho continuava... Fui fazer um estágio em radioterapia, mas não era a área que eu queria para mim. Havia muita dor lá. Eu não suportava ver aquele sofrimento. Certa noite eu caí de joelhos no chão, e derramei a minha alma diante do Senhor. Eu não aguentava mais. Parecia que não havia nada reservado para mim! Chorei até pegar no sono.

No dia seguinte meu irmão ligou para mim. Disse que teria um concurso da prefeitura na cidade dele e que havia três vagas para técnicos em radiologia. Não fiquei muito animada não. Eu estava parada há vários meses e certamente bastante enferrujada em matéria de conteúdo. Além do mais, não tinha dinheiro nem para pagar pela passagem de ônibus.

- Eu pago para você mana. Vem fazer o concurso. Vou providenciar a sua inscrição!

Ele estava esperançoso. Eu, só queria encontrar um sentido na vida...

Meu irmão fez a minha inscrição e na véspera do concurso, embarquei naquele ônibus sem esperança nenhuma de passar. Entre a data da publicação no jornal e a data da prova, um período de três semanas haviam se passado. Nem olhei livro algum. Falei com Deus que se aquele concurso fosse vontade Dele para a minha vida, então eu passaria. Mesmo sem ter estudado.

Quando cheguei ao local da prova naquela manhã, vi pes-

soas por todos os lados, com anotações nas mãos, aproveitando aqueles últimos minutos para estudar mais um pouco. Eu e meu irmão tomávamos chimarrão e ríamos da nossa tranquilidade... Estávamos em paz. Se eu passasse, era Deus.

Entrei naquela sala de provas repleta de concorrentes. Baixei a cabeça sobre a carteira e orei: “Senhor, tu sabes que faz tempo que me formei. Não me lembro de mais nada. Se o Senhor não me ajudar, não tenho a menor condição de passar aqui hoje. Eu vou fazer essa prova, mas entrego-a ao Espírito Santo, para fazê-la por mim. Em Nome de Jesus, Amém”. Não vi ninguém levantar para sair. Não ouvi barulho nenhum. Quando finalizei a prova e ergui a cabeça, só havia mais três pessoas naquela sala. Não vi nem ouvi nenhuma das outras trinta e cinco pessoas levantando e saindo por aquela porta. Acho que fui arrebatada naquela prova. Só podia ser isso!

Havia três vagas para técnico em raios-x. Um mês depois, chegou pela manhã o edital do concurso, no jornal que meu irmão assinava. Eu havia ficado no apartamento, esperando pelo resultado... Era de Deus, ou não era de Deus, aquele concurso na minha vida?

Entre centenas de nomes encontramos o meu. Eu havia passado. Estava em terceiro lugar. Estava dentro.

Mas ainda havia a prova prática e a prova de títulos. Eu teria que ir bem em ambas as provas, para que a minha pontuação se mantivesse entre os três primeiros colocados...

Mais algumas semanas de aflição. Quando cheguei ao local da prova prática, estava apavorada. Nem me lembrava mais como se operava uma máquina de raios-x e para meu total desespero, descobri que os outros candidatos tiveram acesso á máquina da prova e passaram a semana estudando lá.

Novamente uma daquelas conversas sérias com Deus: “Senhor, nós dois sabemos que eu não faço a menor ideia de como

funciona aquela máquina lá dentro. Eu estudei numa máquina antiga e essa é toda digital. Nunca mexi numa máquina dessas. Se o Senhor não entrar comigo lá... Já era. Estarei fora. E Pai, só pra lhe lembrar, Se eu passar aqui, é plano Seu. Glória toda Sua, porque eu, nós dois sabemos... Não estou preparada”.

Entreí naquela sala como o coração na boca, como diz o povo. O Professor e seu assistente me fizeram várias perguntas... Que não faço ideia de como consegui responder... Quando chegou o resultado final, semanas depois, constatei admirada, que Deus estava no negócio. Passei.

Eu continuava em terceiro lugar e ainda havia a prova de títulos. Era agora, nessa etapa que eu usaria todas as especializações que eu tinha feito. Todos os estágios valendo horas... Eu não tinha experiência, e experiência valia pontos. Acho que eu era a única sem experiência naquele concurso. Mas, a quantidade de especializações e estágios não remunerados que havia realizado, me renderam títulos que agora estavam sendo analisados por uma bancada de jurados. Mais algumas semanas de espera... A resposta final do Senhor estava prestes a chegar. Numa manhã ensolarada, chegou o jornal, no edital encontramos meu irmão e eu, o meu nome outra vez. Eu havia passado para a segunda colocação. E isso me dava o direito de escolher onde queria trabalhar. No pronto Atendimento de um hospital, ou numa clínica de mamografia. Eu desejava imensamente trabalhar na clínica de mamografia, mas o candidato que estava a minha frente, já havia avisado que quem trabalharia lá, seria ele. Pois ele escolheria a clínica. No entanto, na prova de títulos, ele perdeu a colocação dele para mim, e eu pude escolher trabalhar na clínica de mamografia, como havia desejado. E Deus? Esteve nesse negócio do início ao fim!

E a História Continua...

*Não foi pela espada que conquistaram a terra
nem pela força do seu braço que alcançaram a vitória;
foi pela tua mão direita, pelo teu braço e pela luz do
teu rosto, por causa do teu amor para com eles. És tu,
meu Rei e meu Deus! És tu que decretas vitórias para
Jacó! (Salmos 44:3-4)*



Eu assumi aquele concurso poucas semanas depois. Um técnico em raios-x trabalha meio período apenas. Na época eram quatro horas diárias. De segunda a sexta-feira com direito a duas férias de vinte dias ao ano. Eu morava com meu irmão. Certo dia eu disse a ele que precisava que Deus abrisse mais uma vaga em um concurso público para mim. Como a carga horária era baixa, o salário ainda não era o suficiente para fazer as coisas que eu queria. Eu tinha sonhos. Fazer um curso superior, minha carteira de habilitação, um curso de inglês, também desejava fazer Teologia e alguns cursos paralelos. Sim, eu tinha muitos sonhos. Muitos sonhos e pouco dinheiro. Falei com Deus novamente: “Senhor, cá entre nós dois, esse concurso que o Senhor me entregou nas mãos, foi maravilhoso, mas sabemos que o salário não é suficiente para tudo o que eu quero fazer. Eu preciso que o Senhor prove que realmente deseja que eu fique nessa cidade. Abra outro concurso para mim. Tem tanta cidade pequena aqui perto Pai”.

Eu gastava grande parte do meu salário em uma livraria evangélica que ficava no trajeto entre o apartamento do meu irmão e o meu trabalho. Verdade seja dita, não tinha como sobrar dinheiro para mais nada.

Certa manhã, ao abrir o jornal, meu irmão encontrou em letras minúsculas o anúncio de que haveria um concurso para técnico em raios-x numa cidadezinha próxima aquela onde nós morávamos. Como eu havia falado sobre isso com Deus, achei que era a mão do Senhor em movimento novamente. Mas, desanimei logo em seguida. Havia apenas uma única vaga. Quais as chances de eu passar num concurso público, onde apenas há uma única vaga e eu há anos sem estudar a matéria? Foi o que pensei na hora...

Radiologia requer estudo constante. Não se trata só de anatomia, mas da angulação e incidência dos raios e uma série de detalhes que eu já havia esquecido. Trabalhava na mamografia e estava me dedicando a ser uma ótima profissional nessa área. Mas o concurso desta vez, era para trabalhar num hospital público, Haveria bloco cirúrgico, pronto atendimento e ambulatório... Eu não tinha a menor chance de passar.

Uma vaga só...

Meu irmão disse entusiasmado:

- “Você só precisa de uma vaga mana”!

Há tá, pensei. Agora ficou fácil...

Conversei com Deus outra vez: “Senhor, eu pedi sim mais um concurso público. Mas as chances de eu passar nesse, são nulas. A menos que o Senhor esteja nesse negócio. Então Pai, eu vou fazer o seguinte, não vou estudar. Nada. Não vou me preparar. Vou fazer esse concurso no mesmo esquema do anterior. Está em Suas mãos. Se for da Sua vontade, me coloque lá”.

Fiz minha inscrição e descansei no Senhor. No dia do concurso, fomos lá, meu irmão e eu. Cidadezinha pequena, mas estava lotada de gente concorrendo para aquelas vagas. Na sala, o povo me olhava meio de lado, parecia que não gostavam de mim. Descobri depois, que havia uma conversa que corria a boca pequena, de que uma certa gaúcha havia chegado aquela região para abrir caminho! Mal sabiam eles que Aquele que estava a minha frente, o próprio Senhor, era Ele que abria o caminho!

Fiz a prova. Meu irmão esperava por mim, sentado num banco, próximo ao local. Mostrei a ele a minha prova. O gabarito havia ficado lá dentro, para análise. De acordo com meu irmão, eu havia acertado tudo. Eu havia orado antes da fazer a prova, exatamente como fiz no concurso anterior. Eu disse a Deus: “Pai, agora somos só o Senhor e eu”. Mas obviamente

não tinha como acertar tudo. Antes de sair de casa naquele dia, dei uma rápida olhada no manual de Técnicas Radiológicas que estava sobre o sofá, e o qual não peguei para estudar nem uma única vez, e observei que a radiografia de calcâneo tinha de ser feita com incidência do raio em angulação de 45 graus. Interessante, pensei. Eu havia me esquecido disso...

Pois na prova, a última pergunta era justamente sobre o calcâneo e a angulação do raio. Mas daí, a ter acertado tudo, era otimismo demais da parte do meu irmão! Algumas semanas depois, ao abrir a porta, lá estava o jornal! Publicaram o edital do concurso. Meu nome estava lá. Eu havia passado em primeiro lugar. Acertei todas as questões. Gabaritei a prova. O primeiro lugar era meu! A alegria não durou nem dois minutos. Abaixo do resultado, a publicação da data de análise de títulos. E para nossa surpresa, o município não atribuía absolutamente pontuação nenhuma aos meus títulos. Eles só consideravam título, a experiência na área. Descobrimos posteriormente, que naquela pequena cidade, havia um técnico de raios-x que já trabalhava há muitos anos naquele hospital. O concurso havia sido feito para “esquentar” o pessoal contratado da prefeitura. Nunca houve intenção de contratar pessoas de fora! E o tal técnico havia ficado em segundo lugar...

Não tenho palavras para descrever a minha decepção. Eu tinha chegado aquele ponto, para perder a chance que pedi tanto a Deus! Eu tive outra conversa com Deus, mas desta vez, foi vergonhosa...

“Senhor, eu não acredito que perdi a chance de assumir esse concurso. Eu lhe pedi isso, o Senhor criou o concurso para mim, me deu esperanças! Fez-me acreditar que era resposta Sua! Porque o Senhor me colocou em primeiro lugar, se eu não poderia assumir? Porque o Senhor me deu esperanças se eu não assumiria? Eu estou me sentindo péssima! Perdi essa chance!

Porque tudo parecia vir de Ti e agora me deparo com essa derrota?! Nem o Senhor Deus, nem o Senhor não pode fazer nada aqui! Olhe para este edital Pai! O que pode ser feito aqui? Isto é matemática! Dois mais dois! Ele tem pontuação para passar longe a minha frente. Eu perdi. Perdi, e o Senhor não pode fazer mais nada a respeito!” Eu estava furiosa. Decepcionada. Brigando com Deus. Mas Ele tinha tudo sob controle e podia parecer para mim, que não tinha mais nada a ser feito, mas Ele era Deus, e eu já deveria ter aprendido isso àquela altura da vida, que nada é impossível para Ele!

No dia de levar os títulos, que apesar de não contar pontuação, deveriam ser levados, por alguma razão inexplicável, confundi as datas e não levei. No dia seguinte, quando me dei conta de que havia perdido a data de apresentação dos títulos, fiquei desesperada! Entramos no carro e meu irmão dirigiu o mais rápido que pôde. A minha intenção era falar a verdade e suplicar que ainda aceitassem os títulos. Eu estava arrasada! Eu falava com Deus e implorava que ele me perdoasse: “Ah Senhor, me perdoe, me perdoe, por favor! Eu me esqueci de levar esses títulos ontem. Mesmo que eu tivesse ficado em segundo lugar pai, mas poderia haver a possibilidade de abrir mais uma vaga no futuro e eu ser chamada! Mas Agora Senhor, eu estraguei tudo! Certamente fui desclassificada! Eles vão me excluir do concurso! Ah Deus, me perdoe!”. Eu estava arrasada! Eu planejava suplicar ao diretor responsável pelo edital, que aceitasse os meus títulos e não me desclassificasse...

Chegamos lá. Meu irmão ficou aguardando num banco da praça que havia em frente à prefeitura. Eu entrei... Sentei em frente aquele homem sentindo-me a pior das criaturas. A mais irresponsável de todos os seres da face da terra. Comecei a falar e a suplicar que aceitasse os meus títulos, mas ele foi veemente. Não tinha como aceitar, estava no edital. Era obrigatório ou en-

tão, perdia toda a pontuação.

- Então, quer dizer que não estou fora do concurso? Apenas não somei pontuação, é isso? – perguntei.

- Exatamente, você mantém a pontuação da sua prova. Tirou 10. Mantém seus 10.

Respirei aliviada. Ao menos não havia sido eliminada do concurso.

- Mas sabe o que eu não entendo Rosileni? – prosseguiu ele em tom sério e claramente insatisfeito – Não entendo como somente você e o segundo colocado, vocês dois, não apareceram aqui ontem para trazer seus títulos?! Hoje cedo pela manhã ele também sentou nessa mesma cadeira onde você está e me implorou para aceitar os seus mais de dez anos de serviços prestados a este município, mas eu não pude aceitar porque a data de entrega era ontem! Ele não veio também, assim como você!

Eu estava atônita. Ele também não foi?!

- E Agora, como fica? – Perguntei claramente chocada.

- Como fica Rosileni? Já que vocês dois não trouxeram os títulos ontem, fica tudo como estava antes. Você em primeiro lugar e ele em segundo!

Não me lembro de mais nada. Como saí de lá, como atravessei aquela prefeitura, só queria encontrar com meu irmão que estava lá fora pedindo a Deus por mim. Quando o vi e contei o milagre que Deus havia realizado naquele concurso, nós rimos como dois malucos no meio daquela praça! O diretor não sabia como eu e o segundo colocado havíamos nos esquecido da data de entrega dos títulos, mas eu e meu irmão sabíamos. Deus tinha a estratégia desde o início. Os homens tentaram dar um golpe político, mas Deus é Deus do impossível. Deus invencível. O Senhor me colocou dentro daquele hospital através de concurso público e edital ninguém poderia me tirar de lá. E assim, durante alguns anos, trabalhei concursada em dois municípios, onde

entrei sem ter estudado absolutamente nada e passei apenas pela fé. Quando Deus está no negócio, não tem como dar errado!

O tempo em que trabalhei naqueles municípios, eu sempre evangelizei. Dava panfletos para as pacientes da mamografia e falava para elas do amor de Deus por elas. Falava de Deus para os pacientes no hospital, orava por eles, impunha as mãos, testemunhava as maravilhas que o Senhor havia feito em minha vida, para todos que encontrava. Quem sentasse ao meu lado no ônibus, certamente ouviria histórias sobre o poderoso Deus dos milagres que eu sirvo. Aqueles anos foram maravilhosos. Fiz tudo o que eu quis. Cursos, faculdades, carteira de motorista... Mas onde eu deixava a maior parte do meu dinheiro? Na livraria evangélica... Lia livros que me fortaleciam, edificavam e alimentavam a minha fé. Acho que lá no céu, Deus olhava para mim e sorria. Afinal, esse amor pelos livros tinha sido plantado dentro de mim, por Ele.

*Uma Caixa Dourada, uma
Brincadeira Inocente e a Morte*

Outro Ataque de Satanás

*Abismo chama abismo ao rugir das tuas cachoeiras;
todas as tuas ondas e vagalhões se abateram sobre mim.
(Salmo 42.7)*



Enquanto escrevia o testemunho anterior, me veio à memória um livramento. Poderia ter sido uma grande tragédia, se o Senhor não tivesse mandado os seus anjos para intervir. Eu e meu irmão éramos pequenos e estávamos brincando no quarto de nossos pais. Subíamos e descíamos da cama, da penteadeira, do criado mudo... Enfim estávamos fazendo a maior bagunça no quarto. E numa dessas subidas e descidas, vi sobre o guarda-roupa uma caixa dourada, fechada de tamanho médio. Chamou a minha curiosidade aquela pequena caixa, eu dei um jeito de encostar uma cadeira, subi e com bastante dificuldade peguei a caixa dourada. Estava pesada.

Eu estava com uns oito anos, mais ou menos. Foi depois da minha visão com Jesus e depois daquele ataque do galo, que já relatei. Eu e meu irmão estávamos brincando inocentemente quando fomos tomados pela curiosidade do que poderia ter dentro daquela caixa... Vagarosamente tirei-a de cima do armário de roupas, como já disse, eu tinha oito anos, e de cima de uma cadeira, não era uma tarefa fácil, mas era possível. Peguei a caixa com cuidado e olhei dentro. Havia uma arma e várias balas... As armas eram comuns no interior. Praticamente todas as famílias possuíam uma. Meu avô tinha duas espingardas penduradas atrás da porta do quarto dele e eu sempre soube que precisava manter distância delas! Por algum motivo, achamos graça daquela arma, peguei-a nas mãos, coloquei a caixa com as balas no chão, aponte para meu irmão e disse: -“Nos desenhos fazem assim” – Senti uma força movendo meus braços, como se algo estivesse me levando a puxar aquele gatilho. Uma espécie de força estranha, não sei explicar. Antes mesmo que me desse conta do que estava acontecendo, o gatilho foi puxado com força. A

arma estava apontando para a cabeça do meu irmão! O estrondo terrível foi ouvido à longa distância. Meu pai que estava na roça veio correndo para casa, pois ouviu aquele tiro e pressentiu uma tragédia. A bala acertou o meu irmão. Eu olhava para ele apavorada, tremendo, assustada com aquela cena. Sobre a cama, caído, estava meu pequeno irmão, com um filete de sangue escorrendo pelo seu rosto. Minha mãe que estava na cozinha, veio correndo. A bala caiu a poucos centímetros dela. Atravessou três paredes da nossa casa de madeira. Rapidamente tirou a arma das minhas mãos. Eu estava em choque. Ela pegou o meu irmão nos braços, ele tinha apenas cinco anos, e o abraçou. Ele estava vivo, mas aquele filete de sangue não era bom sinal...

Meu pai chegou às pressas e fomos todos ao hospital, há alguns quilômetros da nossa casa. Chegando lá, o médico constatou impressionado que embora a bala tivesse passado bem próximo do ouvido do meu irmão, não havia atingido sua audição. Um milagre de Deus.

Mais tarde quando chegamos a nossa casa, meu irmão contou que na hora que puxei o gatilho, alguém o empurrou pelo braço e por isso ele caiu sobre a cama que estava ao lado! Alguém o empurrou! Aquele tiro teria matado o meu irmão. Eu teria matado o meu irmão. Esse irmão que Jesus me disse que me ajudaria muito na vida...

Uma vez ouvi uma história de um homem que quis apenas brincar e demonstrar a um grupo de amigos próximos, como fazer para se enforcar... Ele passou a corda pelo pescoço e prendeu a outra extremidade a um carro de bois. Começou a andar para trás, rindo. A corda foi ficando cada vez mais apertada e de repente ele começou a gritar. Estava apavorado, gritando, mas ele não parava de andar para trás. Os amigos tentaram ajudá-lo, mas ninguém conseguia chegar perto. Uma força estranha estava operando naquele lugar. Infelizmente, o homem morreu

enforcado. Tenho certeza que esse tipo de brincadeira atrai espíritos malignos. Eu era criança e embora não fosse inocente a ponto de saber que era uma arma, e de que não deveria estar mexendo ali, eu era ingênua para compreender os astutos ataques de Satanás. A arma estava travada, o tambor nunca ficava com a primeira bala na agulha. Mas quando se brinca com a morte, o perigo é real. Naquele dia Deus nos livrou de uma tragédia da qual eu jamais me recuperaria! Era dia 02 de novembro de 1985. Dia dos finados. Quase perdi meu irmão naquele dia. Deus nos protegeu. Deus nos livrou daquele ataque maligno e os propósitos do Senhor se cumpriram e continuam se cumprindo em nossas vidas. Graças a Deus.

Meu Príncipe Encantado

O meu amado é meu, e eu sou dele; ele zela por seu rebanho entre os lírios. (Cânticos 2.16)



Toda princesa deseja um príncipe... E o meu, foi preparado por Jesus. Entrou na minha vida de paraquedas. Não literalmente, claro. Eu sabia desde o início que teria muito orgulho dele. Não era só um tipo bonito – aliás, continua sendo – Mas o coração bondoso, a generosidade, o desejo de acertar na vida, de fazer a diferença... Conquistaram-me e continuam conquistando todos os dias.

Meu marido é aquele tipo raro de homem. Faz par perfeito comigo, “uma tipa” rara de mulher (você pode rir, eu deixo)...

Sou grata a Deus, por ter um marido que busca a presença do Senhor. Um marido que deseja ser bom esposo e pai. Um marido que pastoreia a Igreja com um coração amoroso e dedicado. Te amo querido.

Somos pastores há vários anos. Sempre juntos, ele e eu. Fundamos a Igreja Batista Semeando Amor de Deus, juntos. Temos um site www.semeandoamordedeus.com.br, onde escrevemos artigos, divulgamos o nosso trabalho e horamos o Senhor com os dons que Ele nos deu.

Juntos nós estamos construindo um legado... Com a graça de Deus, estamos alicerçados em Cristo. Sim, houve tempos difíceis. Trabalhar no ministério nem sempre é fácil! Enfrentamos fortes ventos e tempestades, mas enfrentamos juntos com a ajuda de Deus! E até aqui, o Senhor tem nos ajudado...

Trabalhar na obra do Senhor pode não ser fácil... Mas é extremamente gratificante. Ele promete que Nele o nosso trabalho não será em vão, se não desfalecermos, receberemos nosso galardão. Peço a Deus que Ele alargue as fronteiras! Ajude-nos Senhor, a estender as cordas, firmar as estacas e alargar a tenda! Temos um legado para deixar aos nossos filhos. Um le-

gado que transborde para a direita e para a esquerda, um legado que nossa descendência possuirá, em Nome de Jesus.

Cada passo que nós damos é na certeza de que estamos construindo algo que permaneça. Cada sonho, cada projeto, tem sido abençoado por Deus porque nasceu no coração Dele. Por isso temos fé e temos crido que grande será o legado que entregaremos aos nossos filhos e às futuras gerações. Somos gratos a Deus por tudo o que Ele tem feito em nossas vidas.

Uma Prova de Fogo...

Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança. (Tiago 1:2-3)



Eu tinha um relacionamento íntimo com o Senhor. Então, quando Deus começou a me revelar que eu teria um filho, a minha alma se alegrou imensamente! Eu vivia em estado de euforia, porque desejava imensamente ser mãe.

Todos os devocionais que eu fazia, falavam sobre a maternidade. Todos os sinais indicavam para uma gravidez. Para um filho. Eu já havia até escolhido o nome. Seria o nome de um profeta.

Quando o resultado do exame deu positivo, a minha alma festejou! Eu finalmente teria alguém em meus braços que seria meu. Fruto do meu ventre. Filho das minhas entranhas. Meu sangue. Minha vida.

As semanas passavam e eu fazia tudo direitinho. Acompanhamentos de pré-natal, exames e consultas. Mas algo começou a me incomodar... Toda vez que eu lia a minha Bíblia, saltavam aos meus olhos passagens de morte, de perda e de sacrifício...

Certo dia, eu deparei-me com a passagem onde Deus diz em Êxodo capítulo 13, que todo primogênito seria Dele. Imediatamente eu entendi no mais profundo da minha alma que o Senhor estava me dizendo que tomaria o meu filho de mim! Não consigo descrever aqui a dor que me dilacerou por dentro. Faltam-me palavras para expor os meus sentimentos aqui. Eu estava desesperada. Eu tinha aquele filho como um presente de Deus em minha vida. Eu havia recebido a revelação do pai de que seria mãe! Eu havia recebido da boca de Deus a revelação de que teria um filho. Não era possível que agora o Senhor o desejasse tomar de mim! Não era possível que agora o Senhor o tirasse de mim! Eu comecei a suplicar, eu comecei a clamar, eu pedia fervorosamente que o Senhor me permitisse ter em meus

braços o filho que eu levava no ventre. Mas toda vez que eu lia a Bíblia, toda vez que eu orava, a resposta de Deus era um não. Eu não haveria de ter meu filho em meus braços. Eu não veria o seu pequeno rostinho nem o amamentaria. O Senhor desejava leva-lo...

Na décima segunda semana de gestação, eu acordei pela manhã, e algo estava diferente em meu corpo... Era como se eu tivesse murchado... Não sei explicar aqui a sensação. Até então me sentia grávida e cheia de vida, mas naquela manhã, me olhando em frente ao espelho, percebi que algo não estava bem, era como se meu corpo tivesse murchado de alguma maneira... Pressenti algo ruim... Imediatamente marquei uma consulta e fui ao médico para fazer um ultrassom. Meu pior pesadelo estava naquela tela... Meu filho havia se desmanchado em meu útero... Não havia mais coração batendo, não havia mais o som da vida. A morte novamente estava batendo em minha porta...

O desespero tomou conta da minha alma. Saí do consultório entorpecida. Perdi meu chão...

Num ato de profunda fé, caí de joelhos no meio da minha sala, em casa, e implorei ao Senhor que formasse o meu filho em meu ventre novamente! Que reconstruísse os órgãos, os tecidos e voltasse a fazer o pequeno coraçãozinho dele bater novamente.

Enquanto eu orava, ouvi o Senhor dizer: - “Lembra quando te disse que você passaria novamente por uma dor tão grande como aquela que você sentiu com a sua irmã? Lembra que lhe disse para segurar firme em minha mão e confiar em mim? Essa é a hora filha, Segura firme em minha mão e confia em mim”.

Eu vivi toda aquela dor de novo. Eu chorei todas aquelas lágrimas novamente. Minha alma se ressentiu com Deus. Meu coração ficou imerso em dor e mágoa...

Minha vida caiu no mais profundo vale, eu me sentia num

deserto frio, gélido, sozinha e abandonada. Eu não conseguia entender porque Deus havia me revelado sobre essa criança, porque Deus havia me feito acreditar que eu seria alegre mãe de filhos, se pretendia toma-lo de mim?! Deus havia me enganado? Deus havia mentido para mim? Minha alma começou a se debater! Minha fé estava sendo provada! Eu não conseguia compreender que o Senhor, um Deus bom e fiel, que houve as nossas orações, tivesse feito isso comigo! Nós tínhamos um relacionamento! Nós éramos amigos! Porque Deus fez aquilo comigo?

Eu ia trabalhar com meu coração cheio de mágoa. Precisei fazer um procedimento de curetagem para remover os restos do que um dia foi o meu filho em meu útero. O médico disse que precisava fazer um procedimento urgente porque havia uma mola hidatiforme avançando rapidamente dentro de mim. Ao que tudo indicava, eu havia tido uma rara gravidez dupla, de um feto normal e um tumor... Precisei remover ambos. O feto morto e o tumor para fazer análise. Se fosse maligno, teria que tomar providências para controlar o alastramento do mesmo para outros órgãos. Em alguns casos é necessário fazer quimioterapia. Eu estava definitivamente atravessando o vale da sombra da morte...

Minha Fé foi Provada

Mais um golpe de Satanás

Porque, tendo em vista o que ele mesmo sofreu quando tentado, ele é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados. (Hebreus 2:18)



Os dias se arrastavam em completa tristeza. As semanas passavam e eu não queria mais saber de Deus. Não aguentava sequer chegar perto da Bíblia. Eu tinha medo de fazer meu devocional e Deus me revelar outra dor, outra perda, outro vale. Eu não suportaria mais. Eu me afastei...

Por um ano, um ano inteiro, eu não abri a minha Bíblia. Eu não conseguia chegar perto dela. Eu tinha medo. Medo de Deus. Eu conversava com Jesus todos os Dias. Falava para ele da minha mágoa. Falava para ele da minha tristeza, mas eu responsabilizava Deus por toda dor que eu sentia. Conversava com Espírito Santo, e chorava em Sua presença. Mas Deus era alguém de quem eu não conseguia me aproximar... Lembro-me de um dia, indo para o trabalho ter orado assim: - “Jesus, eu estou magoada com Deus. Se eu morrer, eu vou para o céu porque minha vida é sua e eu creio em ti do mais profundo da minha alma. Mas chegarei ao céu com meu coração repleto de mágoa. Não consigo perdoar Deus. Amo Você Jesus, amo o Espírito Santo, Amo Deus, mas estou magoada com Ele e não quero chegar perto Dele. Ele tem me feito sofrer muito durante toda a minha vida. Não quero mais chegar perto de Deus, Senhor”. Hoje, quando penso nessa oração, me acho tão ingênuia... Como eu podia achar naquela época que poderia separar Deus de Jesus e do Espírito Santo. Mas era isso que meu coração sentia e foi disso que falei com o Senhor naquela tarde.

Meu coração estava pesaroso. Embora eu não estivesse lendo a Bíblia e nem falando com Deus há meses, eu conversava com Jesus todos os dias e não me afastei da minha fé ou da minha crença. Afastei-me do amor de Deus. Foi isso.

Certa tarde, eu estava em casa, minha alma angustiada

até a morte, eu não conseguia superar a dor. A sensação que eu tinha era de que Deus havia me dado um soco bem no meio da cara, me jogado à lona e de que de lá, eu nunca mais levantaria.

Me sentia fraca, abandonada, frustrada, decepcionada e com a alma envolvida em sombra, em dor, total sofrimento e desolação! Então decidi conversar com Ele. Eu estava brava. Muito brava. Há dias que eu ouvia uma voz em meu coração me dizendo para abandonar a Deus porque Ele tinha mentido para mim. Há dias eu ouvia aquela voz me dizendo para negar minha fé. Eu precisava falar. Então eu disse: - “Deus olá. Faz tempo que não nos falamos. Quero lhe dizer que sinto como se o Senhor tivesse mentido para mim. Toda a minha fé, toda a minha crença e convicção num Deus bom, num Deus verdadeiro, num Deus justo, está oscilando dentro de mim! Logo o Senhor, que diz que Satanás é o pai da mentira, mentiu para mim? Não consigo acreditar! Logo o Senhor que diz que não mente, mentiu para mim? Não pode ser! Porque o Senhor me fez acreditar que eu seria mãe se iria tirar o meu filho de mim? – eu falava em meio às lágrimas, com muita revolta em meu coração – Quer saber Deus, eu nunca mais vou me ajoelhar diante de ti, até o dia que o Senhor me colocar de joelhos pelo amor. Quero me sentir tão amada, tão abençoada, tão agraciada por ti, que cairei de joelhos diante de ti, rendida ao seu amor, mas até lá, o Senhor não me verá mais de joelhos diante de ti! E quero lhe dizer outra coisa ainda Deus, eu sinto como se o Senhor tivesse mentido para mim e me sinto enganada por Ti, mas eu não vou recuar! Eu não vou recuar entendeu Senhor? Permanecerei firme na minha fé! Sei que tu és único e verdadeiro Deus. Creio em Ti, confio em Ti! Não entendo o que aconteceu, mas eu creio em Ti! Não vou negar minha fé, não vou negar Jesus, não vou negar o Senhor! O Senhor me abandonou, mas eu não te abandonarei!”

Eu chorava convulsivamente. Minha alma estava amargu-

rada e inundada de dor. Esta oração foi feita com um coração cheio de amargura e ainda assim, quebrantado diante de Deus. Um coração cheio de mágoa. Mas ainda assim, minha fé estava lá. Ela não havia ido embora. Eu estava em meio a muita dor, mas minha fé em Deus continuava viva.

Naquela época, eu não percebia que eu havia caído na armadilha de Satanás. Quando Jesus me curou, na visão que eu tive com ele, aos sete anos de idade, uma das coisas que aconteceu, quando o diabo entrou naquele quarto de hospital, foi acusar Jesus de mentiroso! A estratégia de Satanás é tentar fazer com que não se acredite em Deus, em seu amor e bondade. Se ele puder fazer com que se duvide do Senhor, ele ganha nossa alma. Eu tinha caído na armadilha de achar que Deus tinha mentido para mim e que o amor Dele não era real por mim. Eu havia caído na armadilha da dúvida. Mas, Jesus me segurou firme pela mão. Eu vacilei, mas eu não caí. Eu vacilei, mas Ele me manteve firme. Ele me manteve segura.

Aquele ano, um ano inteiro sem tocar na Bíblia, um ano inteiro sem falar com Deus, foi a chance que Satanás teve de roubar a minha fé. Foi a chance dele de me afastar do Senhor. Mas pela graça e misericórdia do Senhor Jesus Cristo, a minha fé permaneceu intacta.

Depois de confirmar naquela oração que fiz a Deus, de que Ele continuava sendo Deus para mim e de que eu não o negaria em minha vida, parei de ouvir a voz que me incitava o tempo todo para negar a minha fé. Eu não sabia naquele momento, mas eu estava sendo peneirada como Pedro foi. Satanás estava me testando... Testando a minha fé.

Lidando com a Dor

*Este é o meu consolo no meu sofrimento: A tua
promessa dá-me vida. (Salmo 119:50)*



Eu havia passado no teste. Minha fé permaneceu. Ainda assim, eu precisava retomar o meu compromisso com Deus. Minha intimidade com pai estava rompida...

Depois daquela oração, depois de eu confirmar para Deus de que não negaria a minha fé nem o nome, nem o poder e a autoridade Dele em minha vida, aos poucos eu comecei a me voltar novamente à leitura Bíblica e aos devocionais. Mas confesso que o medo me acompanhou por muitos e muitos anos...

Eu desenvolvi um medo tão grande de perdas, um medo tão grande de sentir dor, de perder quem eu amo que é inexplicável. Eu havia perdido pessoas demais em poucos anos de vida. Pessoas que eu amava profundamente. Foram muitos golpes duros. Doídos. Minha alma foi arrebatada dentro de mim diversas vezes, e a cura ainda demoraria muito tempo para chegar...

Certo dia, ao entardecer, eu desabei no chão da sala de casa. Uma dor tão profunda me transpassou, em meio a lágrimas eu suplicava a Deus: - “Por favor, me ame Senhor! Por favor, me ame Senhor. Eu preciso desesperadamente do Seu amor! Por favor, me ame Senhor”. Eu repetia essas poucas palavras vezes sem fim, em meio ao pranto. Fui deitar com um grande peso em meu coração. Eu não me sentia amada por Deus. Na verdade, eu me sentia ferida por Ele.

Naquela noite, durante a madrugada, fui acordada por um som de uma forte voz. Parecia um trovão em meio a uma grande e poderosa cachoeira de água, não sei explicar o que eu ouvi, mas foi uma voz de trovão em meio a muitas águas que se dirigiu a mim. Era Ele, o próprio Deus dizendo:

–“Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a

altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura poderá te separar do meu amor por você”.

Ele, o próprio Deus, o Criador do Universo, se dirigiu a mim, falou comigo, ao lado da minha cama, naquela madrugada. O Senhor havia ouvido a minha oração naquela tarde. Havia ouvido o meu clamor. E mais uma vez, como no passado, nós voltamos a conversar. Nossa relação aos poucos foi sendo restaurada. O processo de cura iniciou naquela madrugada. Eu precisava me sentir amada por Ele. Eu precisava sentir que Ele não havia me abandonado.

Eu sempre tive uma relação próxima com Deus. Sempre fomos amigos, desde a minha infância. Eu fui batizada pelo meu pai, aos nove anos de idade, porque desejava ser selada pelo Espírito Santo. Sempre amei o Senhor de todo o meu coração. Desde o meu nascimento, Deus sempre foi real para mim. Seu filho Jesus sempre foi real para mim. O Espírito Santo sempre foi real para mim.

O mais profundo desejo do meu coração sempre foi conhecer a Deus e fazer a vontade dele em minha vida.

Mais tarde fiz duas faculdades em Teologia. Uma num Seminário Batista, a outra, com reconhecimento no MEC, em uma Universidade Católica. Passei muitos anos da minha vida estudando mais profundamente a Palavra de Deus e o próprio Deus. E continuo nesse propósito todos os dias em minha vida. Tenho um compromisso com Deus, uma aliança com o Altíssimo, e vou mantê-la até o último dia da minha vida. Até a última batida do meu coração, meu último suspiro, eu viverei para Deus e em Deus.

Deus não Esquece Orações

E, quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem. (Mateus 6:7-8)



Quando minha fé foi provada, eu orei dizendo ao Senhor que não me ajoelaria mais diante Dele até que seu amor por mim, e as suas bênçãos em minha vida, me quebrantassem de tal forma que eu cairia de joelhos diante Dele por amor e gratidão. Não mais pela dor, não mais tristeza nem provação. Eu queria me ajoelhar diante do Senhor em gratidão e em devoção. Em total amor por Ele e pela Sua bondade em minha vida. Eu ansiava desesperadamente por experimentar o bem que vem das mãos do Senhor. Queria ser objeto da Sua Bondade. Queria me quebrantar diante dele em gratidão, louvor e glória. Eu precisava sentir que era amada e apreciada por Ele.

Pode parecer que foi uma oração orgulhosa e cheia de vaidade, mas não foi. Foi uma oração feita por um coração partido pela dor e o sofrimento. Eu havia experimentado perdas e provações em minha vida, eu desejava receber as bênçãos de Suas mãos, assim como Jó também recebeu...

Deus, que não é um Deus que se esquece das nossas orações, certamente não se esqueceu da minha. Eu orava em pé, orava sentada na cama, caminhando, deitada, ao acordar, no banho, trabalhando, estudando, o tempo todo, mas não de joelhos. Eu estava traumatizada com as orações de joelhos. Eu havia feito as pazes com Deus, mas ainda não estava curada...

Foi só quando, tempos depois, engravidei da minha filha Anna Lucia, que o processo de cura começou, e quando segurei minha filha em meus braços, eu voltei a sorrir... Um ano e meio depois o Senhor me deu mais um bebê, meu filho Gabriel. Meu coração se encheu de alegria. E quando dois anos depois, chegou outro bebê, meu filho Daniel, a alegria tomou conta do meu ser!

E foi assim, dando-me frutos do meu ventre, ventre esse que já havia abortado e enfrentado um tumor, que o Senhor restaurou a minha vida. Quando o Senhor me deu os meus filhos, crianças maravilhosas que enchem o meu coração e a minha vida de sentido, de alegria, de significado e do mais profundo e sublime amor, quando Deus me fez todo esse bem, Seu amor por mim me quebrantou. Desde então, eu já lembrei-me muitas vezes, da oração que fiz... Deus restituiu a minha alegria. Deus restaurou a minha vida. Deus me tornou uma alegre mãe de filhos. A promessa Dele se cumpriu! Eu me tornei mãe! O Tempo da promessa havia chegado! Satanás manipulou a promessa que Deus havia me feito, no passado, e usou o aborto para me confundir e tentar roubar a minha fé. Mas eu passei pela peneira, fui testada, e venci! Assim como Pedro, vacilei, mas venci. Assim como Jó, eu perdi, mas fui restituída. Deus não me desamparou. Deus nunca me abandonou.

Eu passei pelo olho do furacão, fui provada de todas as formas possíveis, mas Jesus me manteve segura, Jesus me manteve firme em Suas mãos. Nada é mérito meu nada é glória minha. Tudo é Dele! Se O Senhor não tivesse tido tão grande misericórdia da minha vida, eu não estaria aqui hoje. Se o Senhor não tivesse tido tão grande amor por mim, eu não estaria aqui hoje. Se o Senhor não tivesse se compadecido de mim, das minhas fraquezas e fragilidades, eu não estaria aqui hoje. Seu amor me quebrantou, Seu amor me cativou. Seu amor me atraiu e me curou. Hoje, quando oro de joelhos, choro. Choro de gratidão. Choro por amor a esse Deus que não me desamparou. Que ouviu cada uma das minhas orações, que não se decepcionou comigo nem me rejeitou. Choro porque reconheço Sua soberania, sua Santidade, Seu poder e autoridade sobre todas as coisas e sobre mim.

Não tenho explicações para todas as perdas e provações

que passei. Foram necessárias. Eu as aceito e confio que Deus está no controle de todas as coisas o tempo todo e que sabe o que faz. Sim, às vezes sinto saudades, sim, às vezes gostaria muito que estivessem vivos e perto de mim. Meu avô, minha mãe, as avós, minha irmã e meu primeiro filho... Mas eu sei que estão no céu, eu sei que estão bem, eu sei que vou revê-los... Então, não há motivos para pranto. Confio Naquele que é o Senhor e Criador de Todas as coisas.

Uma Tarde Divertida...

*Alegrem-se sempre no Senhor. Novamente direi:
Alegrem-se! Filipenses 4:4*



Uma das coisas mais divertidas para mim é ver e ouvir as histórias e brincadeiras dos meus filhos. Poderia escrever um livro somente com as pérolas que tenho colhido dos meus pequenos... Na verdade, um dos livros que escrevi, e que estão na gaveta, é sobre eles e as coisas que desejo ensinar a eles, antes que se tornem adultos e saiam de casa. Quando eu comecei o meu canal no Youtube, o objetivo era justamente esse, fazer vídeos voltados para famílias com crianças pequenas. Eu havia acabado de escrever as mais de setenta coisas que eu quero ensinar aos meus filhos, que eu quero colocar na bagagem deles e que eu desejo que os deixe preparados para enfrentar o mundo lá fora! Então criei o canal para passar isso para outras pessoas. E também para deixar para eles, como legado. O canal foi crescendo e tomando outros rumos também. Hoje ele é voltado para famílias e para o crescimento pessoal. Faço vídeos sobre diversos temas e muitas vezes entre os comentários alguém diz que ama o meu canal de autoajuda... Acho que acabou virando exatamente isso: Um canal de Autoajuda. Mas glorifico a Deus por isso, porque em todas essas coisas reconheço os propósitos do Senhor! Os planos de Deus estão se cumprindo em minha vida e todas as promessas que Jesus fez a mim, naquele quarto de hospital, quando me curou de epilepsia, aos sete anos de idade, estão se cumprindo uma a uma, por todas essas coisas, agradeço e rendo louvores ao Rei dos Reis!

Hoje à tarde observei meus filhos brincando na varanda em frente da nossa casa, e entre uma corrida e outra, fugiam de um pequeno filhote maltês, a Sarah, nossa cachorrinha. Foi engraçado vê-los correndo e tentando se esconder. Mas a cachorrinha com seu “super faro”, os encontrava sempre. As crianças tentavam se esconder, mas ela os achava! Num determinado mo-

mento, eles desistiram de se esconder. Sentaram no chão, bem próximos um do outro e cochicharam – “Ainda bem que temos um campo de força ao nosso redor. Ela não poderá nos encontrar” – Eu ri, escondida atrás da cortina. Claro que a pequena Sarah os encontrou! Aí chegaram à conclusão de que talvez em baixo do tapete onde eles estavam sentados, havia um chip que entregava a localização deles à cachorrinha! “Ou quem sabe, ela receba os dados de algum satélite! Parece que compramos uma cachorrinha com super poderes”! Constataram eufóricos. Apenas me divirto com a inocência e ingenuidade dos meus pequenos e amados filhos.

Sou grata ao Senhor por cada um deles, por suas diferenças e por suas semelhanças. Graças a Deus, realmente há um campo de força ao redor deles, um campo formado por anjos do Senhor. Que os protegem de dia e de noite!

Lembro Como se Fosse Hoje

Louvai ao SENHOR. Louvai, servos do SENHOR, louvai o nome do SENHOR. Seja bendito o nome do Senhor, desde agora para sempre. Desde o nascimento do sol até ao ocaso, seja louvado o nome do Senhor. Exaltado está o Senhor acima de todas as nações, e a sua glória sobre os céus. Quem é como o Senhor nosso Deus, que habita nas alturas? O qual se inclina, para ver o que está nos céus e na terra! Levanta o pobre do pó e do monturo levanta o necessitado, Para o fazer assentar com os príncipes, mesmo com os príncipes do seu povo. Faz com que a mulher estéril habite em casa, e seja alegre mãe de filhos. Louvai ao Senhor. (Salmos 113:1-9)

O ano era 2010 e eu estava prestes a entrar na sala de parto... Eu chorava como uma criança, sentia-me sozinha e desamparada. Meu marido não pôde entrar comigo, o médico não deixou. Aliás, o médico não havia acompanhado a minha gestação. Fiz todo o meu pré-natal em outro Estado, com outro médico e o plano era ter minha filha no Sul do País. Mas sou casada com um militar do exército, e sabia que poderíamos ser transferidos a qualquer momento. Só não esperava que fosse aos sete meses de gestação! Chegamos a Minas Gerais em dezembro de 2009. No Natal daquele ano, com uma barriga imensa, desencaixotei mais caixas do que gosto de me lembrar. Levei semanas para colocar tudo no lugar. Sentia-me sozinha e desamparada... Meu marido saía de madrugada ainda, para o quartel. Era instrutor na Escola de Sargentos, Voltava tarde da noite para casa. Eu ficava o dia todo só... Eu e ela... Minha filha que desejava tanto ter em meus braços.

Aquela manhã foi o divisor de águas na minha vida. No dia 24 de fevereiro de 2010, nasceu minha filha Anna Lucia. Aquele dia me mudou para sempre. Entrou naquela sala uma mulher, saiu daquela sala, uma mãe. Quando a tiraram da minha barriga, ela chorava a plenos pulmões. Colocaram-na em meu ombro. Eu encostei meu rosto ao dela e lhe disse – “Minha Filha” – e ela adormeceu colada em mim. Naquele momento eu soube que Deus estava me entregando um tesouro precioso nas mãos. E eu defenderia esse tesouro com minha própria vida, se preciso fosse!

Anna Lucia, nome que escolhi a dedo. Significa “cheia de graça e luz”, (Lucia, nome da minha mãe), Ela é a mais linda, doce, meiga, querida, maravilhosa, abençoada, amada, perfeita,

fantástica filha que alguém poderia ter! Tem um senso de humor incrível. É divertidíssima! Sair com ela, passear, é sempre muito engraçado e divertido. Ela faz caras e bocas o tempo todo. Caretas e mais caretas. Tem um lado todo cômico que não sei de quem ela herdou, (Está bem, eu sei), que me faz rir a ponto de chorar muitas vezes. Mas não é só esse lado engraçado da minha filha que lhe torna tão especial. Ela tem uma doçura, uma meiguice... É cuidadosa, amorosa e protetora. Ama dar e receber carinho. Caprichosa, organizada e uma grande companheira. Amo-a profundamente. Ela mudou a minha vida. Tenho muito orgulho dela. Minha filha.

No ano seguinte, no dia 02 de setembro de 2011, nascia meu filho Gabriel Alexandre. Assim como sua irmã, ele foi planejado e muito desejado. Eu queria muito dar um irmãozinho para Anna Lucia. Talvez por causa do forte vínculo que eu tenho com o meu irmão, eu imaginava que ela se sentiria muito mais feliz se tivesse um irmãozinho.

Gabriel foi um bebezinho muito calmo. E continua calmo até hoje. É impressionante ver como nesse pequeno ser de apenas sete anos de idade, já mora tanta maturidade. Ele parece irmão mais velho. Sério, protetor. Chama a atenção da irmã e também do irmão caçula. Detesta cometer erros. É sério. Decidido. Tem convicções profundas. Amoroso e cuidadoso. Abraça em silêncio e diz tudo sem falar nada. Seu abraço é demorado, seu carinho manso, seu olhar, terno. Gabriel é um filho maravilhoso! Ajudador e protetor. Preocupado com o que é certo. Procura seguir as regras e fazer o que tem de ser feito. É prático, controlado, abençoado, terno, calmo, engraçado, fala pouco, profundo, carinhoso, Tem um humor todo peculiar... Consegue brincar com a feição mais séria do mundo. Tem piadas engraçadíssimas quando estamos sentados à mesa durante as refeições. Tenho muito orgulho dele. Gabriel mudou a minha vida, ainda

mais. Amo-o profundamente. Meu filho.

O ano era 2013 e o dia, o último do ano, 31 de dezembro. Ótimo dia para ter um filho, eu pensei. Aonde ele chegar, haverá festa no dia do seu aniversário! Daniel Alexandre é o caçula mais fofo do mundo! Ele é um companheiro para todas as horas. Ama estar junto conosco. Ama estar em família. Fala Olhando nos olhos. Fala com as mãos. É um filho maravilhoso. Brincalhão, divertido, risonho. Criativo e expressivo. Gosta de conversar. Sentar para dialogar. Gosta das coisas ditas olho no olho. Gosta de sentar para tomar café. Pede para conversar. É reflexivo, apaixonado, intenso, risonho, alegre, abençoado, engraçado, comunicativo. É um filho maravilhoso. Amo-o profundamente! Meu filho.

Recebi das mãos do Senhor meus três maravilhosos presentes. As três maiores bênçãos da minha vida. Peço ao Senhor todos os dias que me ajude a cumprir minha missão de modo a receber meu prêmio de Suas mãos.

Peço a Deus...

E Deus é poderoso para fazer que toda a graça lhes seja acrescentada, para que em todas as coisas, em todo o tempo, tendo tudo o que é necessário, vocês transbordem em toda boa obra. (2 Coríntios 9:8)



Peço a Deus que me ajude a ver. Ver onde posso mudar. Ver onde posso melhorar. A olhar para mim mesma e reconhecer minhas falhas. Ser capaz de consertar a rota e retomar o caminho sempre que for necessário. Peço a Deus que me ajude a não inverter as prioridades em minha vida. Peço a Deus que me ajude a ser capaz de dar o meu melhor para aqueles que ele confiou a mim, minha família. Que eu seja capaz de fazer o que é mais importante, em primeiro lugar. E influenciar meus filhos de maneira que, muito depois de eu já ter partido, eles ainda se lembrem de mim, como um exemplo de mãe, um exemplo de serva de Deus, um exemplo de mulher de fé. Um exemplo a ser seguido. Quero que meus filhos possam descansar na segurança de que se criarem meus netos da forma como foram criados, conseguirão passar adiante um legado duradouro, sólido e perpétuo às próximas gerações.

Como quero ser lembrada...

*Apareça a tua obra aos teus servos, e a tua glória sobre seus filhos. Seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus; e confirma sobre nós a obra das nossas mãos; sim, confirma a obra das nossas mãos.
(Salmo 90:16,17).*

Quero ser lembrada como um exemplo a ser seguido...
Quero ser lembrada como um exemplo de mulher de fé e de intimidade com Deus. Quero ser lembrada como um exemplo de esposa companheira e parceira para toda vida.

Quero ser lembrada como um exemplo de mãe amorosa e dedicada.

Quero ser lembrada como um exemplo de mulher sábia que constrói a sua casa na rocha.

Quero ser lembrada como um exemplo de mulher que ama cuidar da sua família e da sua casa.

Quero ser lembrada como um exemplo de mulher que ama as pessoas.

Quero ser lembrada pela mulher que eu sou. Pela obra que realizo e pela vida que vivo. Por isso não há tempo para desperdiçar com caminhos tortuosos, escolhas erradas, rotas mal planejadas e falta de direção! Não posso me distrair. Não posso perder o foco. Tenho um legado para passar aos meus filhos. Uma herança que recebi e que preciso entregar em suas mãos! Ajude-me Senhor, a cumprir o meu chamado. Ajude-me Senhor a cumprir o meu propósito. Não permita Senhor que eu me perca em meio às demandas do dia-a-dia, tornando-me cega para aquilo que é mais importante. Realizar minha missão!

Vale a Pena Refletir...

Deus “retribuirá a cada um conforme o seu procedimento”. Romanos 2:6

Sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo.

Colossenses 3:24

Se o que alguém construiu permanecer, esse receberá recompensa. 1 Coríntios 3:14



Sempre fui uma pessoa reflexiva, com alma meditativa. SE uma das coisas que me ajuda a manter o foco, é olhar à frente, visualizando-me como uma senhora da idade avançada. O que eu gostaria de ter feito, o que eu gostaria de ter tentado durante a minha vida? O que gostaria de ter deixado aqui, com minha existência? Gosto desse exercício porque ele me desloca do aqui e agora e de uma eventual falta de foco e me lança novamente diante do objetivo: Construir uma vida que valha a pena ser recordada... Acho que esse deveria ser o objetivo de todos nós... Construir uma vida que vala a pena ser recordada. Chegará o dia em que as recordações tomarão grande parte da nossa memória. O futuro já não será mais algo distante e nebuloso. O amanhã será uma incógnita. E nesse dia, quando olharmos pela janela de um trem que segue veloz em alta velocidade, pela última vez, rumo ao além, espero poder reconhecer na paisagem, sementes que brotaram ao longo do caminho, por onde passei, e nessa última vez, vislumbrar pela janela o esplendor de uma vida vivida com plenitude. Com alegria, energia e amor.

O que posso lhe dizer? Tenha sonhos, busque realiza-los. Descubra seus dons, seus talentos, sua missão de vida. Descubra seu propósito e seja fiel a ele! Viva intensamente o presente que lhe é dado todos os dias, a vida. Aproveite cada oportunidade e realize algo que faça a diferença... Faça a diferença por onde você passar. Faça a diferença na vida dos seus filhos, da sua família, do seu marido, da sua esposa... Faça a diferença na vida daquele que passa por você no decorrer do dia. Seja o taxista, o motorista de ônibus, a aeromoça, o gari, o médico, o engenheiro, a enfermeira, a professora, seu vizinho, seu pastor, seu chefe, seu colaborador... Enfim, faça a diferença na vida das pessoas.

Toque-as de uma forma que elas se sintam mais ricas, mais felizes e privilegiadas por ter estado com você. Só nos é permitido viver uma única vez. Não teremos outra oportunidade para viver outra vez, fazer de novo ou de forma diferente... As pessoas que estão na sua vida hoje, elas estão HOJE. A chance que você tem de fazer a diferença de construir, de agregar, de somar, de melhorar... Você tem essa oportunidade HOJE. Só temos o HOJE. A vida é agora. Neste exato momento. É agora que construo o meu legado, é agora que preparo a bagagem que deixarei para os meus filhos. É agora, neste exato momento. Não haverá outro momento melhor para fazer diferente ou fazer melhor, do que este, AGORA. Saiba reconhecer o que precisa ser feito, antes que seja tarde demais. Saiba avaliar e analisar a sua vida, antes que seja tarde demais. Eu perdi pessoas que eu amava, de uma hora para outra. Sem aviso. Não pude me preparar nem me despedir. Aprendi que nem sempre somos avisados da partida de alguém que amamos. Aprendi que nada nem ninguém são bens garantidos em nossa vida. Não há garantias que amanhã você ainda terá seus filhos, sua família ou sua vida como você a conhece. Não há garantias de que amanhã estaremos aqui. Temos apenas Hoje, temos apenas o agora. Viva sua vida de modo que não se arrependa. Viva sua vida de modo que relembra-la lhe deixe feliz.

Minha Oração...

Antes de clamarem, eu responderei; ainda não estarão falando, e eu os ouvirei. (Isaiás 65:24)



Pereço por mim e por quem ler esta obra Senhor. Dê-nos Pai, a cada um de nós, da Tua sabedoria. Sabedoria do alto, para construirmos um legado permanente, firme, sólido, frutífero e eterno para aqueles que estão seguindo os nossos passos. Um legado que produza frutos. Um legado que permaneça muito tempo após a nossa partida. Ajuda nos Senhor a fazermos a diferença na vida das pessoas. A cumprirmos o propósito para o qual o Senhor nos criou. Que sejamos capazes de amar verdadeiramente aqueles que o Senhor nos entregou para amar. Que sejamos capazes de reconhecer a Sua bondade e Sua misericórdia em nossa vida, através do bem que vem das tuas mãos. “Em nome de Jesus, porque para Ele, por Ele e Dele são todas as coisas, amém!”

Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém. (Romanos 11:36)

Quero deixar aqui, minha gratidão (*in memoriam*) aos meus bisavós pela coragem de atravessar o Oceano, sair da Alemanha rumo ao desconhecido, e construir as suas vidas aqui neste País. Vocês escolheram o Brasil para ser o berço dos seus sonhos e de suas esperanças. Deixaram aqui um legado permanente que tem atravessado gerações e que eu escolho honrar passando-o aos meus filhos.

Gratidão Eterna a

- Arthur e Ida Weisheit, pais de meu avô paterno, Carlos Weisheit.

- Herman e Mariana Lauerdorfs, pais de minha avó paterna, Adine Lauerdorfs.

- Guilherme e Theresa Preischartt, pais de meu avô materno, Guilherme Preischartt Filho.

- Alberto e Wanda Schach, pais de minha avó materna, Elly Schach.

Deus os dará o devido galardão.





www.lifeeditora.com.br

Adquira mais livros agora mesmo em nosso site.



Esta obra foi composta em Garamond Premier Pro,
criada por Claude Garamond em 1530 impressa em
papel Pólen Soft em julho de 2019.